

ASTRID LINDGREN

Pippi

MEIALONGA



Ilustrações de
INGRID NYMAN



VISIT...

LANZAROTE
Caliente.COM

ASTRID LINDGREN

PÍPPI

MEIALONGA



Ilustrações
INGRID NYMAN

Tradução
MARIA DE MACEDO

2ª edição



SUMÁRIO

- 1** Píppi vai morar na Vila Vilekula
- 2** Píppi é encontradora de coisas e se mete numa briga
- 3** Píppi brinca de pega-pega com a polícia
- 4** Píppi vai à escola
- 5** Píppi fica sentada no portão, depois escala uma árvore
- 6** Píppi organiza um piquenique
- 7** Píppi vai ao circo
- 8** Píppi recebe a visita de dois ladrões
- 9** Píppi vai a um chá
- 10** Píppi dá uma de salva-vidas
- 11** Píppi faz aniversário

Sobre a autora

Sobre a ilustradora

1

PÍPPI

**VAI MORAR NA
VILA VILEKULA**

.....



AQUELA ERA UMA CIDADE MUITO pequena, pequena mesmo. Na beirinha da cidade havia um velho jardim abandonado. No jardim havia uma casa velha, e na casa morava Píppi Meialonga. Píppi tinha nove anos e morava completamente sozinha. A menina não tinha pai nem mãe, e no fim das contas até que isso era bom, porque ninguém vinha dizer a ela que estava na hora de ir para a cama no exato instante em que ela estava se divertindo mais, e ninguém a mandava tomar óleo de fígado de bacalhau quando ela estava com vontade de chupar uma bala.

Muito tempo antes, Píppi tivera um pai de quem gostava muitíssimo e, antes ainda, lógico que também havia tido uma mãe. Só que já fazia tanto tempo que ela não tinha mais mãe que quase nem conseguia mais se lembrar dela. A mãe de Píppi tinha morrido quando ela ainda era bebê, um bebezinho deitado no berço e que berrava tão alto que ninguém aguentava ficar por perto. Píppi tinha certeza de que a mãe agora estava no céu, espiando por um burquinho para poder ver a filha aqui embaixo. Por isso de vez em quando Píppi acenava para a mãe, lá em cima, e dizia:

— Não se preocupe! Eu sempre dou um jeito!

Do pai, Píppi se lembrava bem. Ele era capitão de navio e navegava no grande mar, e Píppi navegou junto no navio até o dia

em que houve uma grande tempestade e ele caiu no mar e desapareceu. Mas Píppi tinha absoluta certeza de que um dia o pai ia voltar. Não acreditava nem um pouco que ele tivesse se afogado. Achava que tinha ido boiando mar afora até chegar a uma ilha cheia de canibais, e que depois tinha virado rei de todos os canibais e que andava pela ilha o dia inteiro com uma coroa de ouro na cabeça.

— Meu pai é rei dos canibais. Não é qualquer criança que tem um pai como o meu! — costumava dizer Píppi, muito orgulhosa. — E assim que meu pai conseguir construir um navio novo, vem me buscar e eu vou virar princesa dos canibais. Vai ser o máximo!

Fazia muitos anos que o pai de Píppi tinha comprado aquela casa velha do jardim. A ideia dele era morar na casa com a filha quando ficasse velho e não pudesse mais navegar mar afora, mas aconteceu de ele cair no mar, e Píppi resolveu ir morar na Vila Vilekula enquanto esperava por sua volta. Vila Vilekula era o nome da casa. Estava lá, completamente mobiliada, prontinha, esperando por ela.

Numa bela tarde de verão, a menina se despediu dos marinheiros do navio do pai. Todos eles adoravam Píppi, e Píppi adorava todos eles.

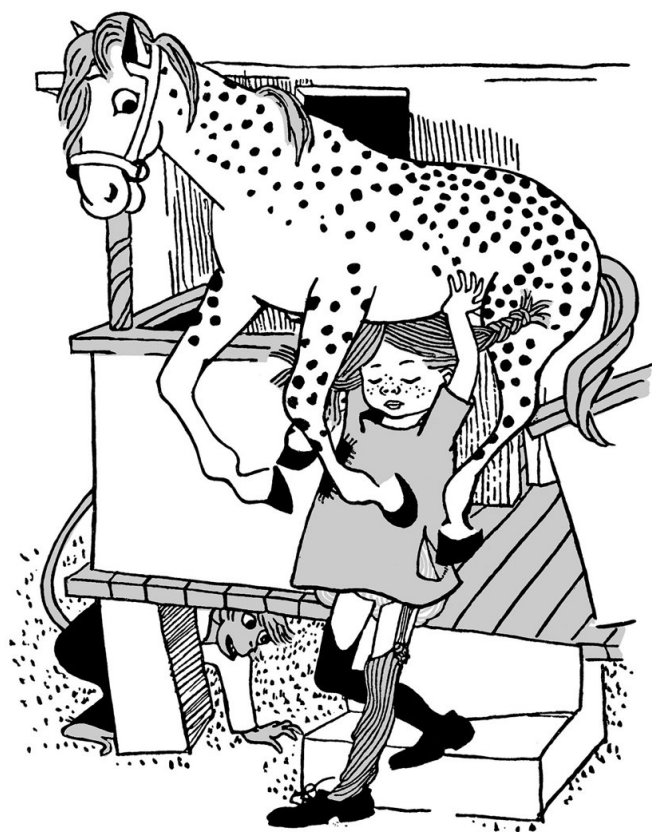
— Adeus, rapazes! — disse Píppi, e beijou a testa deles, um por um. — Não se preocupem comigo! Eu sempre dou um jeito.

Píppi saiu do navio levando duas coisas. Um macaquinho chamado sr. Nilson — presente do pai — e uma enorme mala cheia de moedas de ouro. Os marinheiros, enfileirados no convés do navio, olharam para Píppi até ela desaparecer na distância. E a menina foi em frente, sem olhar para trás, com o sr. Nilson empoleirado no ombro e a mala na mão.

— Que criança fantástica — disse um dos marinheiros, secando uma lágrima, ao ver Píppi sumir ao longe.

Ele tinha razão. Píppi era uma criança realmente fantástica. E o que Píppi tinha de mais fantástico era o fato de ser muito forte. Era tão incrivelmente forte que não se encontrava em todo o vasto mundo um só policial tão forte quanto ela. Píppi conseguia carregar um cavalo, se quisesse. E queria! Aliás, possuía um cavalo comprado com uma das suas muitas moedas de ouro no dia da mudança para a Vila Vilekula. É que a menina sempre tinha tido vontade de ter um cavalo... E agora o cavalo morava na varanda da Vila Vilekula. Quando Píppi resolvia tomar café na varanda, simplesmente pegava o cavalo no colo e carregava para o jardim.

Bem ao lado da Vila Vilekula havia outro jardim com outra casa. Ali moravam um pai, uma mãe e seus dois adoráveis filhinhos: um menino e uma menina. O menino se chamava Tom, e a menina, Aninha. Eram duas crianças muito simpáticas, obedientes e comportadas. Tom nunca roía as unhas, seu cabelo estava sempre penteado e ele quase sempre fazia exatamente o que a mãe lhe dizia para fazer. Aninha não armava gritaria quando não faziam as suas vontades e estava sempre bem arrumada em lindos vestidinhos de algodão muito bem passados. Ela nunca fazia coisas que pudessem sujar seus vestidos. Tom e Aninha costumavam brincar um com o outro no gramado da casa deles, mas muitas vezes tinham ficado com vontade de encontrar um amiguinho. Na época em que Píppi rodava o mundo navegando com o pai, de vez em quando os dois se penduravam na cerca que separava as duas casas e diziam:



— Que pena que ninguém se muda para essa casa! Seria tão bom se alguém viesse morar aí, alguém que tivesse filhos...

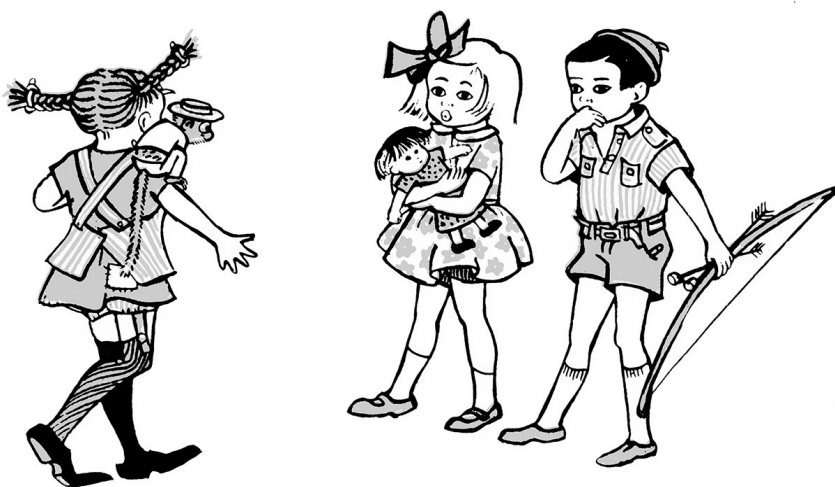
Naquela linda tarde de verão em que Píppi entrou pela primeira vez em seus domínios da Vila Vilekula, Tom e Aninha não estavam em casa. Os dois tinham ido passar uma semana com a avó. Por isso, quando voltaram, não faziam a menor ideia de que houvesse alguém morando na casa ao lado, e quando, no primeiro dia depois de voltarem, os dois foram para junto do portão e ficaram olhando a rua, nem passou pela cabeça deles que agora pudessem ter uma amiguinha morando tão perto de casa. Exatamente naquele momento em que os dois tentavam inventar alguma coisa para

fazer, procurando adivinhar se por acaso ia acontecer alguma coisa emocionante ou se aquele ia ser um dia chato, em que não conseguiam inventar nada para brincar, bem nessa hora o portão da Vila Vilekula se abriu e uma meninazinha saiu para a calçada. Era a menina mais fantástica que Tom e Aninha já tinham visto: era Píppi Meialonga saindo para seu passeio matinal.

A menina que eles viram era assim: tinha cabelo cor de cenoura e usava duas tranças bem apertadas, que ficavam espichadas para os lados. Seu nariz parecia uma batatinha bem pequena, e era todo pintado de sardas. Debaixo de seu nariz havia uma boca realmente bem larga, com dentes brancos e fortes. A roupa que ela estava usando era muito engraçada. A própria Píppi é que tinha feito. No começo, ela pretendia fazer um vestido azul, só que o pano azul era muito pequeno, não dava para fazer o vestido, por isso Píppi tinha costurado pequenos quadrados vermelhos em vários lugares. Suas pernas compridas e magricelas estavam cobertas por um par de meias compridas, uma marrom, outra preta. Além disso, ela estava usando uns sapatos pretos com exatamente o dobro do tamanho de seus pés. O pai de Píppi tinha comprado aqueles sapatos para ela na América do Sul, para que a filha não precisasse se preocupar com a questão quando crescesse, e eram os únicos sapatos que a menina gostava de usar.

Mas o que fez Tom e Aninha arregalarem os olhos para valer foi o macaco sentado no ombro da menina desconhecida. O macaquinho vestia calça azul, paletó amarelo e chapéu branco, de palha.

Pippi se afastou. Andava com um pé na calçada e outro na rua. Tom e Aninha ficaram olhando para ela até ela desaparecer da vista. Pouco depois, voltou. E voltou andando de costas! É que não tinha sentido vontade de se virar para voltar para casa. Quando chegou na frente do portão de Tom e Aninha, a menina parou. As duas crianças se olharam sem dizer nada. No fim, Tom perguntou:



— Por que você estava andando de costas?

— Por que eu estava andando de costas? — repetiu Pippi. — Por acaso nós não vivemos num país livre? Por acaso cada um não faz o que tem vontade de fazer? Aliás, é bom você ficar sabendo que no Egito todas as pessoas andam desse jeito e ninguém acha nem um pouco esquisito.

— Como é que você sabe? — perguntou Tom. — Você nunca esteve no Egito!

— De onde você tirou que eu nunca estive no Egito? Pois estive! Fique sabendo que eu já estive em todos os lugares do mundo e já vi muitas coisas bem mais estranhas do que pessoas andando de costas. Imagine só o que você não diria se eu estivesse andando com as mãos, como fazem os habitantes da Índia Remota...

— É tudo mentira sua — disse Tom.

Píppi pensou um pouco.

— É, você tem razão. É mentira — disse ela, chateada.

— É feio mentir — disse Aninha, que finalmente tinha criado coragem para abrir a boca.

— É mesmo, é muito feio mentir — disse Píppi, ainda mais triste.

— Mas de vez em quando eu esqueço, entende? E você acha mesmo que uma menina que tem uma mãe que é um anjo e um pai que é rei dos canibais, uma menina que passou a vida inteira navegando mar afora, tem de ficar o tempo todo dizendo a verdade? E aliás... — disse Píppi, e seu rostinho coberto de sardas se iluminou de alegria — no Congo Belga não há uma única pessoa que diga a verdade. Todo mundo mente o tempo todo. As pessoas inventam tudo, começam às sete da manhã e continuam até o sol se esconder. Quer dizer, se me acontece de mentir de vez em quando, vocês têm de tentar entender que talvez isso seja resultado de eu ter ficado um pouco de tempo demais no Congo Belga. Mas a gente pode continuar sendo amigo assim mesmo, não é verdade?

— Claro, claro! — disse Tom, compreendendo de repente que aquele dia não ia ser nem um pouco chato.

— Por que vocês não vêm tomar café da manhã comigo? — perguntou Píppi.

— Boa ideia! — disse Tom. — Já que você está convidando... Vamos, Aninha?

— Vamos! — disse Aninha. — Agora mesmo.

— Mas primeiro preciso apresentar vocês ao sr. Nilson — disse Píppi.

Assim que ela falou isso, o macaquinho tirou o chapéu e cumprimentou as duas crianças com muita cortesia. Em seguida, todos entraram pelo portão desmantelado da Vila Vilekula e avançaram pela estradinha de cascalho margeada por velhas árvores cobertas de musgo (pelo jeito, ótimas de escalar), que levava até a casa e sua varanda. Na varanda estava o cavalo, ruminando aveia servida numa sopeira.

— Será que você pode me dizer de onde tirou a ideia de pôr um cavalo na varanda? — perguntou Tom. Todos os cavalos que ele conhecia moravam em estábulos.

— Ora... — disse Píppi, pensativa. — Na cozinha não dava, ele ia me atrapalhar... E da sala ele não gostou...

Tom e Aninha deram palmadinhas amistosas no cavalo e entraram. A casa tinha uma cozinha, uma sala e um quarto, e a impressão que se tinha era de que naquela semana Píppi se esquecera de fazer faxina. Tom e Aninha olharam em volta amedrontados. Será que o tal rei dos canibais andava por ali? Nunca, em toda a vida, eles tinham visto um rei de canibais. Mas não apareceu nenhum pai de ninguém, nem nenhuma mãe, e Aninha perguntou, um pouco preocupada:

— Você mora aqui completamente sozinha?

— Claro que não! — disse Píppi. — O sr. Nilson e o cavalo também moram aqui.

— É, mas... Quer dizer... Você não mora com seu pai e sua mãe?

— Não, não moro! — disse Píppi, satisfeita.

— Mas quem avisa você quando está na hora de ir para a cama e coisas desse tipo? — perguntou Aninha.

— Eu mesma me aviso — disse Píppi. — Primeiro, falo calmamente; se não obedeço, falo um pouco mais alto; se continuo não obedecendo, aí tenho de me dar umas palmadas, vocês entendem?

Tom e Aninha não entenderam nem um pouco, mas acharam que talvez aquele fosse um bom jeito. Enquanto conversavam, os três tinham entrado na cozinha, e Píppi cantarolou:

Agora vamos fritar panquecas,
agora vamos fazer panquicas,
agora vamos assar pancocas!

Em seguida pegou três ovos e jogou para o alto. Um dos ovos caiu em sua cabeça e se quebrou, e a gema escorreu pelos olhos dela. Mas os outros dois ela conseguiu aparar direitinho com uma tigela, e se espatifaram.

— Sempre ouvi dizer que gema de ovo é bom para o cabelo — disse Píppi, enxugando os olhos. — Agora vocês vão ver. Daqui a pouco o meu vai começar a crescer tão depressa que vamos ouvir o barulho que ele faz quando cresce. Aliás, no Brasil, todo mundo anda o tempo todo com ovo no cabelo. E, só por isso, lá ninguém é

careca. Quer dizer, houve um único caso: um sujeito era tão burro que, em vez de esfregar o ovo no cabelo, comeu. Por causa disso, acabou ficando completamente careca e, quando as outras pessoas viram aquilo, armou-se uma tal confusão que foi preciso chamar a polícia...

Enquanto falava, Píppi foi retirando com as pontas dos dedos a casca dos ovos que haviam caído na tigela e se quebrado. Depois, pegou uma escova de banho que estava pendurada na parede e começou a bater a massa da panqueca com tanta força que as paredes ficaram todas respingadas. No fim, derramou o que tinha sobrado numa frigideira sobre o fogão. Quando a panqueca ficou dourada de um lado, Píppi jogou-a para cima até quase o teto, fazendo-a virar no ar e cair na frigideira com o outro lado para baixo. E quando a panqueca ficou pronta, Píppi jogou-a diretamente da frigideira para um prato que estava em cima da mesa, do outro lado da cozinha.

— Comam! — gritou Píppi. — Se não esfria!

Tom e Aninha comeram, e acharam aquela panqueca muito boa. Depois que acabaram, Píppi convidou os dois a ir para a sala. Na sala só havia um móvel. Era uma cômoda muito, muito grande, cheia de gavetas muito, muito pequenas. Píppi abriu as gavetas e mostrou a Tom e Aninha todos os tesouros que guardava ali. Havia maravilhosos ovos de passarinho, estranhas conchas e pedras, lindas e delicadas caixinhas, um espelho de prata, colares de pérolas e muitas outras coisas compradas por Píppi e o pai em suas viagens mundo afora. Píppi deu uma lembrança a cada um dos novos amiguinhos, para que não se esquecessem dela. Tom ganhou

uma adaga de punho cintilante, de madrepérola, e Aninha, uma pequena caixa de tampa enfeitada com conchas rosadas. Dentro da caixa havia um anel de pedra verde.



— Acho que agora é melhor vocês irem para casa — disse Píppi. — Assim, podem voltar amanhã. Porque se vocês não forem para casa, não vão poder voltar amanhã. E isso seria muito triste.

Tom e Aninha concordaram e foram para casa. Passaram pelo cavalo, que já comera toda a aveia, e saíram pelo portão da Vila Vilekula. Quando iam saindo, o sr. Nilson fez um aceno com o chapéu.

2

PÍPPI

**É ENCONTRADORA DE
COISAS E SE METE
NUMA BRIGA**

.....



NO DIA SEGUINTE, ANINHA ACORDOU bem cedo. Pulou depressa da cama e foi correndo chamar o irmão.

— Acorde, Tom! — gritou, puxando o menino pelo braço. — Acorde para a gente ir visitar aquela menina engraçada de sapato grande!

Tom acordou na mesma hora.

— Quando eu estava dormindo, tinha certeza de que hoje ia acontecer uma coisa sensacional, só que não conseguia lembrar o quê! — disse, tirando o pijama.

Os dois irmãos entraram no banheiro, lavaram o rosto e escovaram os dentes muito mais depressa do que de costume, depois se vestiram a toda a velocidade e desceram do andar de cima para o térreo escorregando pelo corrimão, indo aterrissar diretamente na mesa do café da manhã uma hora inteirinha antes do que a mãe deles esperava que aparecessem. Tom e Aninha se sentaram e pediram para tomar seus chocolates imediatamente.

— Quanta pressa! O que vocês vão fazer quando saírem da mesa?
— quis saber a mãe.

— Vamos visitar a menina que se mudou para a casa ao lado da nossa — disse Tom.

— Acho que vamos passar o dia inteiro lá! — disse Aninha.

Justamente naquela manhã, Píppi resolvera fazer biscoito de canela. Tinha preparado uma quantidade enorme da receita, e estava estendendo a massa no chão da cozinha.

— Agora me diga.... — disse ela ao macaquinho. — De que adianta uma mesa quando a pessoa tem a intenção de assar pelo menos quinhentos biscoitos de canela?

E lá estava ela, trabalhando no assoalho, cortando os biscoitos em forma de coração no maior entusiasmo.

— Pare de andar na massa dos biscoitos, sr. Nilson — disse, com ar zangado, no exato instante em que tocaram a campainha.

Píppi foi correndo abrir a porta. Estava toda branca de farinha, até parecia um moleiro; quando ela sacudiu a mão de Tom e depois a de Aninha com grande entusiasmo, os três foram envolvidos por uma verdadeira nuvem de farinha.

— Que bom que vocês apareceram! — disse, sacudindo o avental e formando outra nuvem de farinha. Tom e Aninha se engasgaram com toda aquela farinha e começaram a tossir.

— Mas, afinal, o que você está fazendo? — perguntou Tom.

— Bom... Se eu dissesse que estou desentupindo a chaminé, você não ia acreditar, porque é muito esperto — disse Píppi. — A verdade é que estou fazendo biscoito. Mas já estou quase acabando. Se quiserem, sentem-se naquele caixote enquanto esperam!

Era impressionante! Píppi trabalhava muito depressa! Tom e Aninha ficaram sentados no caixote vendo a amiga recortar a massa dos biscoitos de canela, depois arrumar os biscoitos nas fôrmas, depois enfiar as fôrmas no forno. Acharam que era mais ou menos como estar no circo.

— Prontinho! — disse Píppi afinal, e fechou a porta do forno depois de pôr as últimas fôrmas lá dentro.

— E agora, vamos fazer o quê? — perguntou Tom.

— Não sei o que vocês vão fazer — disse Píppi. — Mas sei que não estou com vontade de ficar parada. Vocês sabiam que eu sou uma encontradora de coisas? Quando a pessoa é encontradora de coisas, não pode ficar quieta um minuto!



— Você é o quê? — quis saber Aninha.

— Uma encontradora de coisas.

— O que é isso? — perguntou Tom.

— Uma pessoa que encontra coisas por aí, ora! O que mais poderia ser? — respondeu Píppi, fazendo um montinho com a farinha que tinha ficado espalhada pelo chão. — O mundo inteiro está cheio de coisas, alguém tem de procurá-las! E é exatamente isso que os encontradores de coisas fazem!

— Mas que tipo de coisas? — quis saber Aninha.

— Ora, milhares de coisas! — disse Píppi. — Barras de ouro, penas de avestruz, ratos mortos, caramelos, parafusinhos bem pequenos... Coisas assim...

Tom e Aninha acharam que aquilo tinha jeito de ser muito divertido e também quiseram ser encontradores de coisas, mas Tom foi logo avisando que preferia encontrar uma barra de ouro do que um parafusinho bem pequeno.

— Vamos ver o que vai ser... — disse Píppi. — A gente sempre encontra alguma coisa. Mas agora temos de nos mexer e ir trabalhar, senão aparece outro encontrador de coisas e acha todas as barras de ouro espalhadas por aí.

Os três encontradores de coisas puseram mãos à obra. Acharam que era melhor começar a busca nas proximidades das casas dos vizinhos, pois Píppi havia explicado que, embora não fosse impossível encontrar um parafusinho no meio da floresta, as melhores coisas quase sempre eram encontradas perto dos lugares onde morava gente.

— Bom... Para dizer a verdade — disse ela —, também já me aconteceu exatamente o oposto. Foi uma vez em que eu estava procurando coisas nas selvas de Bornéu. Bem no meio da floresta, num lugar aonde nunca nenhum homem havia ido, imaginem só o que encontrei! Ora, uma perna de madeira, em ótimas condições! Mais tarde dei essa perna de presente a um velho que só tinha uma perna, e ele disse que uma perna de madeira como aquela era coisa que dinheiro não comprava.

Tom e Aninha ficavam observando Píppi para ver como um encontrador de coisas devia agir. Píppi corria de um lado para o

outro da rua, protegendo os olhos do sol com a mão, procurando, procurando. De vez em quando começava a engatinhar, enfiava as mãos por entre as estacas de alguma cerca e dizia, desapontada:

— Engraçado! Eu tinha certeza de ter visto uma barra de ouro!

— E a gente pode mesmo pegar tudo o que encontra? — perguntou Aninha.



— Pode! Tudo o que estiver no chão — disse Píppi.

Um pouco mais adiante as crianças viram um velho dormindo na grama, fora de casa.

— Tudo o que estiver no chão — disse Píppi. — Olhem o que encontramos! Vamos levar!

Tom e Aninha ficaram horrorizados.

— Não, não, Píppi, não podemos levar um senhor, não vai dar certo! — disse Tom. — E, aliás, o que a gente ia fazer com ele?

— O que a gente ia fazer com ele? Ora, a gente podia fazer muita coisa com ele. Por exemplo, guardar num cercadinho de criar coelhos sem coelhos e dar folhas de alface para ele comer. Mas se

vocês não querem, tudo bem. A única coisa que me chateia é pensar que pode aparecer algum outro encontrador de coisas e levá-lo.

Os três foram em frente. Daí a pouco, Píppi deu um berro impressionante.

— Isso sim, eu nunca tinha visto — gritou, e recolheu do gramado uma lata velha, grande e enferrujada. — Que achado! Que achado! Lata é uma coisa que nunca é demais.

Tom olhou um pouco desconfiado para a lata, depois disse:

— Para que serve isso?

— Ah, para muita coisa — disse Píppi. — Uma delas é usar a lata para guardar biscoitos. Nesse caso, ela se transforma numa linda Lata Com Biscoitos. Outra é não usar a lata para guardar biscoitos. Nesse caso, ela vira uma Lata Sem Biscoitos, o que não é tão bom assim, mas continua sendo bom.

A menina examinou a lata, que na verdade estava bem enferrujada e por causa disso tinha um furo no fundo.

— Esta lata está com jeito de ter sido uma Lata Sem Biscoitos — disse, pensativa. — Outra coisa que a gente pode fazer é enfiar a lata na cabeça e fazer de conta que já é meia-noite.

E foi isso o que ela fez. De lata na cabeça, começou a andar sem rumo pelo quarteirão. Parecia uma pequena torre de metal, e só parou de andar depois que tropeçou numa cerca baixa de arame e caiu de barriga. A lata bateu no chão com um estrondo.

— Estão vendo? — disse Píppi, tirando a lata. — Se eu não estivesse com isto na cabeça, teria batido o rosto no chão e ficaria toda machucada.

— É — disse Aninha —, mas se você não estivesse com a lata na cabeça, nunca teria tropeçado naquela cerca de arame.

Mas, antes mesmo de Aninha acabar de falar, ouviu-se outro grito de Píppi. Com ar triunfante, ela mostrou aos amigos seu novo achado: um tubo de linha vazio.

— Hoje deve ser meu dia de sorte! — disse. — Vejam só que tubinho mais lindo para soprar bolhas de sabão ou pendurar no pescoço com um barbante, para servir de colar! Vou até lá em casa agora mesmo fazer meu colar.

Naquele exato instante o portão de uma casa próxima se abriu e um garoto saiu correndo. Parecia muito assustado, o que era perfeitamente compreensível, já que atrás dele, a toda a velocidade, saíram mais cinco meninos. Em pouco tempo eles alcançaram o primeiro, encostaram o garoto na cerca e começaram a bater nele, os cinco ao mesmo tempo. O garoto chorava e cobria o rosto com os braços para se proteger dos socos.



— Batam para valer! — gritava o mais velho e mais forte dos meninos. — Assim ele aprende a nunca mais aparecer nesta rua!

— Oh! — disse Aninha. — Eles estão batendo no Guilherme! Como eles podem ser tão malvados?

— É o Bengt, aquele garoto terrível. Ele está sempre metido em briga — disse Tom. — Cinco contra um, que covardia!

Pippi se aproximou dos garotos e bateu nas costas de Bengt com a ponta do indicador.

— Ei! — disse ela. — Vocês estão querendo fazer mingau do pequeno Guilherme, com cinco batendo nele ao mesmo tempo?

Bengt se virou e deu de cara com uma menina que nunca tinha visto antes. Uma desconhecida de aspecto selvagem que tinha a ousadia de bater nas costas dele. Primeiro ficou só olhando para ela, de tão espantado que estava, depois abriu um grande sorriso.

— Rapazes, deem uma olhadinha para isto aqui! Deixem o Guilherme para lá e venham dar uma olhada nesta menina. Que coisa mais linda!

Bengt bateu as mãos nos joelhos, rindo. Um instante depois, todos os garotos rodeavam Pippi. Todos menos Guilherme, que havia secado as lágrimas e agora estava ao lado de Tom.

— Olhem só o cabelo dela! Parece que está pegando fogo! E esses sapatos — continuou Bengt —, será que você não me empresta um deles? Estou com vontade de sair para remar um pouco, mas não tenho bote...

Depois de dizer isso, Bengt puxou uma das tranças de Pippi, mas tirou a mão depressa, dizendo:

— Ai, me queimei!

Os cinco rapazes que cercavam Píppi deram as mãos uns para os outros e começaram a pular e gritar:

— Cabeça de fogo! Cabeça de fogo!

Píppi, no meio deles, sorria amavelmente. Bengt tinha imaginado que ela ia ficar furiosa, que ia começar a chorar ou, pelo menos, ficar morrendo de medo. Quando nada disso aconteceu, ele deu um empurrão nela.

— Tenho a impressão de que vocês não sabem como tratar uma senhorita — disse Píppi. Em seguida, ergueu Bengt bem alto com seus braços fortes, carregou-o até uma árvore que havia ali perto e pendurou-o num galho. Feito isso, agarrou um dos outros garotos e pendurou-o em outro galho. Depois pegou mais um e largou em cima da viga do portão de uma casa. O garoto seguinte, jogou por cima de uma cerca e ele foi cair no meio de um canteiro de flores. Por fim, pôs o último dos garotos encenqueiros dentro de uma carrocinha de brinquedo que estava no meio da rua. Depois Píppi, Tom, Aninha e Guilherme ficaram algum tempo olhando os garotos, e os garotos não conseguiam nem falar, de tanto medo. Píppi disse a eles:

— Vocês são uns covardes! Cinco garotos contra um, e ainda acham normal! Isso se chama covardia. E depois vão para cima de uma garotinha indefesa. Vocês são o fim!

Virando-se para Tom e Aninha, disse:

— E agora vamos para casa.

Para Guilherme, falou:

— Se eles tentarem machucar você de novo, venha falar comigo.

Para Bengt, empoleirado no galho e sem coragem de se mexer, perguntou:

— Você tem mais alguma coisa a declarar sobre a minha pessoa ou sobre meus sapatos? Se tiver, é melhor falar de uma vez, antes que eu vá para casa.

Mas Bengt não tinha mais nada a dizer sobre os sapatos de Píppi nem sobre o cabelo dela. Com isso, Píppi pegou sua lata com uma das mãos e seu tubo de linha com a outra e se afastou, seguida por Tom e Aninha.

Quando chegaram ao jardim da casa de Píppi, ela falou:

— Puxa vida! Que coisa horrível! Encontrei duas coisas tão legais, e vocês não acharam nada! É melhor procurarem mais um pouco. Tom, por que você não vai dar uma olhada naquela árvore velha? Árvores velhas são ótimos lugares para encontradores de coisas!

Tom disse que tinha certeza de que ele e Aninha nunca iam encontrar nada, mas para agradar Píppi enfiou a mão devagarinho num buraco no tronco da árvore.

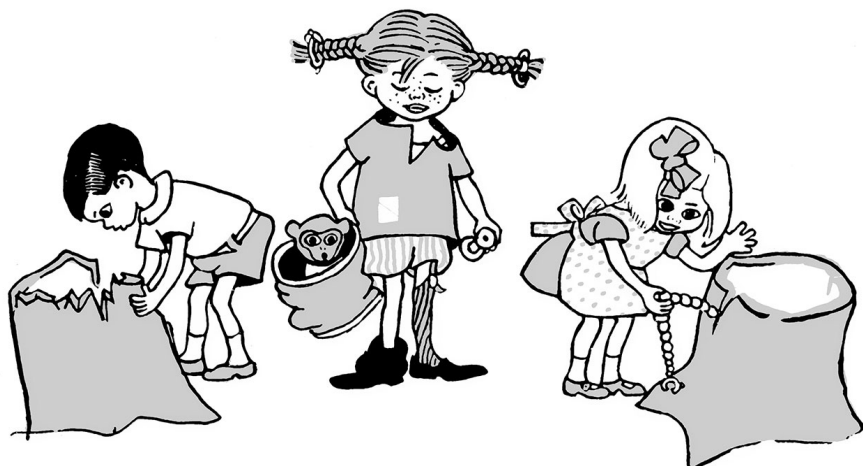
— Nossa! — exclamou, maravilhado, e tirou a mão do buraco. Estava segurando uma bela caderneta de capa de couro. A caderneta tinha um bolsinho especial com uma pequena caneta de prata.

— Isto é muito estranho... — disse Tom.

— Está vendo só? — disse Píppi. — Não tem coisa melhor do que ser encontrador de coisas. Só não consigo entender por que não há um monte de gente escolhendo essa profissão. Todo mundo quer ser sapateiro, alfaiate, limpador de chaminé, coisas assim... Mas

encontrador de coisas? Não, ninguém quer ser! As pessoas acham que é uma profissão inferior!

Em seguida, virando-se para Aninha, Píppi continuou:



— Por que você não vai dar uma olhada naquele velho toco de árvore? É praticamente certo encontrar alguma coisa em velhos tocos.

Aninha enfiou a mão por baixo do toco e quase na mesma hora puxou um colar vermelho, de coral. Ela e o irmão ficaram um bom momento em silêncio, de puro espanto. Os dois estavam pensando que era uma boa ideia virarem encontradores de coisas para sempre.

Píppi havia passado metade da noite acordada jogando bola, e agora ficara com sono de repente.

— Acho que vou entrar para tirar uma soneca — disse. — Vocês não querem entrar comigo e ajeitar minhas cobertas?

Pippi sentou-se na beira da cama e tirou os sapatos, olhando pensativa para os dois amigos. Depois falou:

— Ele queria remar um pouco, o tal do Bengt. Foi o que ele disse... Francamente! — Pippi bufou, irritada. — Uma hora dessas ainda ensino aquele garoto a remar. Vocês vão ver como ensino!

— Me diga uma coisa, Pippi — disse Tom, respeitoso. — Afinal de contas, por que seus sapatos são grandes desse jeito?

— Para eu poder remexer os dedos dos pés, lógico! — respondeu ela, e em seguida deitou-se para dormir. Pippi sempre dormia com os pés no travesseiro e a cabeça enfiada debaixo das cobertas.

— É assim que se dorme na Guatemala — esclareceu. — E, na verdade, este é o jeito certo de dormir. Porque assim também posso remexer os dedos dos pés enquanto estou dormindo. — Depois perguntou: — Vocês conseguem adormecer sem alguém cantar para vocês? Eu sempre preciso cantar uma canção para mim mesma, porque se não faço isso não tem jeito de conseguir fechar os olhos.

Tom e Aninha ouviram um barulhinho lá debaixo das cobertas. Era Pippi, cantando para adormecer a si mesma. Os dois saíram do quarto nas pontas dos pés, para não perturbar a amiga. Quando chegaram à porta, viraram-se e deram uma última olhada para a cama. Só viram os pés de Pippi, descansando no travesseiro. Lá estava ela, debaixo das cobertas, remexendo os dedos dos pés com muita energia.

Tom e Aninha foram correndo para casa. Aninha apertava com força seu colar de coral.

— Que coisa mais estranha... — disse. — Tom... Você acha que... será que a Píppi tinha escondido estas coisas de propósito para a gente encontrar?

— Como é que nós vamos saber? — respondeu Tom. — Não dá para saber absolutamente nada quando se trata de Píppi.

3

PÍPPI

**BRINCA DE
PEGA-PEGA
COM A POLÍCIA**

.....



EM POUCO TEMPO TODO MUNDO na

cidadezinha já estava sabendo que havia uma menina de nove anos morando sozinha na Vila Vilekula. Todas as tias e todos os tios do lugar estavam convencidos de que aquilo não ia dar certo de jeito nenhum. Todas as crianças precisam de adultos para tomar conta delas, e todas as crianças precisam ir à escola para aprender a tabuada. E por isso, declaravam todas as tias e todos os tios da cidade, aquela meninazinha que estava morando na Vila Vilekula tinha de ser imediatamente internada num lar de crianças.

Uma bela tarde, Píppi convidou Tom e Aninha para ir à casa dela tomar café com biscoito de canela. Serviu a mesa na escada da varanda: o dia estava muito lindo e ensolarado, e além disso todas as flores do jardim de Píppi tinham cheiro bom. O sr. Nilson não parava de subir e descer pela pilastra da varanda e o cavalo de vez em quando espichava o pescoço para ver se ganhava um biscoito.

— Ah, que maravilha, que delícia viver! — disse Píppi, e espichou as pernas o máximo que conseguiu.

Bem nessa hora, dois policiais uniformizados entraram pelo portão.

— Oba! — disse Píppi. — Hoje é mesmo meu dia de sorte. Os policiais são a melhor coisa que conheço, depois de geleia de

ruibarbo. — E foi receber os policiais com o rosto cintilante de felicidade.

— Você é a menina que se mudou para a Vila Vilekula? — perguntou um dos policiais.



— Não, nada disso! — disse Píppi. — Eu sou uma senhora muito boazinha que mora no terceiro andar de um prédio que tem um apartamento de terceiro andar no outro lado da cidade.

Ela só havia dito aquilo para brincar um pouco com os policiais, mas eles não acharam a menor graça e disseram que não era para ela ficar bancando a espertinha. Depois acrescentaram que algumas pessoas bondosas da cidade estavam tomando providências para conseguir uma vaga para ela num lar de crianças.

— Já tenho minha vaga num lar de crianças — disse Píppi.

— Como assim? A questão já foi resolvida? — perguntou um dos policiais. — Onde fica esse lar de crianças?

— Bem aqui! — disse Píppi, orgulhosa. — Eu sou uma criança, e este é meu lar, portanto este é um lar de criança. E aqui tem vaga de sobra para mim.

— Querida menina — disse o policial, sorrindo —, acho que você não entendeu. Você vai ter de ir morar num lar de verdade, com alguém para tomar conta de você.

— E a pessoa pode levar cavalos para o lar de crianças? — quis saber Píppi.

— Não, lógico que não! — disse o policial.

— Bem que eu estava desconfiada — disse Píppi, tristemente. — E macacos, dá para levar?

— Também não. Você tem de entender que é impossível!

— Bom... Nesse caso vocês vão ter de procurar crianças para esse lar de vocês em outro lugar. Não tenho a menor intenção de ir morar lá.

— É, mas você não entende que tem de ir à escola? — insistiu o policial.

— E por que tenho de ir à escola?

— Para aprender as coisas, óbvio!

— Que tipo de coisas?

— Todos os tipos de coisas — disse o policial —, um montão de coisas úteis. A tabuada, por exemplo.

— Faz nove anos que vivo muito bem sem tamburada — disse Píppi. — E não vejo nenhuma razão para não continuar assim.

— É, mas imagine só a vergonha que vai sentir se continuar nessa ignorância! Pense que um dia, quando ficar grande, pode aparecer

alguém perguntando qual é a capital de Portugal, e você nem saberá o que responder.

— Sei muito bem o que responder — disse Píppi. — É só responder assim: “Se você está querendo tanto descobrir como se chama a capital de Portugal, então por favor escreva diretamente para Portugal e pergunte!”.

— É, mas você não acha que ia ficar chateada por não saber?

— Pode até ser — disse Píppi. — Com certeza eu ia ficar noites e noites acordada pensando: “Como é mesmo que se chama a capital de Portugal?”. Mas a pessoa não pode passar o tempo todo se divertindo — disse, e para variar um pouco trocou de posição e começou a se equilibrar nas mãos em vez de ficar em pé. — Aliás, já estive em Lisboa com meu pai — continuou, ainda de cabeça para baixo, pois também conseguia falar nessa posição.

Mas aí um dos policiais disse que Píppi não devia ficar imaginando que podia fazer tudo o que tivesse vontade de fazer. Que ia ter de ir para o lar de crianças — e imediatamente. Em seguida, se aproximou dela e agarrou-a pelo braço, mas Píppi se soltou na mesma hora e cantarolou: “você não me pega!”.

Antes que o policial tivesse tempo de piscar, ela já estava escalando a viga da varanda e num instante subiu para a sacada no alto da varanda. Os policiais não estavam com vontade de subir pelo mesmo caminho, por isso entraram correndo na casa e foram para o andar de cima, mas, quando saíram para a sacada, Píppi já estava na metade do telhado. Ela ia pulando pelas telhas com tanta agilidade que também parecia um macaquinho. Pouco depois, já estava na cumeeira do telhado, de onde saltou sem dificuldade para

a chaminé. Embaixo, na sacada, estavam os dois policiais arrancando os cabelos, e no gramado estavam Tom e Aninha de nariz para o céu, admirando Píppi.

— Brincar de pega-pega é muito legal! — gritou Píppi. — Foi ótimo vocês aparecerem por aqui! Bem que eu falei que hoje é meu dia de sorte.

Depois de passar algum tempo tentando descobrir um jeito de lidar com a situação, os policiais foram buscar uma escada, que apoiaram em uma das paredes da casa e depois escalaram, um depois do outro, para ir atrás de Píppi. Os dois estavam com uma cara meio apavorada quando subiram para a cumeeira e começaram a avançar, bem devagarinho para não perder o equilíbrio, na direção da menina.

— Não fiquem com medo! — gritou ela. — Não tem perigo, é só andar com cuidado.

Quando os policiais estavam a dois passos de Píppi, a menina desceu da chaminé com um pulo e correu pelo telhado na outra direção, rindo sem parar. A dois metros da casa havia uma árvore.



— Agora vou dar um mergulho — gritou, e saltou diretamente para a copa verde da árvore. Agarrou-se num galho, balançou um pouco para cá e para lá, depois se soltou e caiu no gramado, embaixo. Num segundo, correu para o outro lado da casa e retirou a escada que estava encostada na parede.

Os policiais tinham ficado um pouco com cara de bobos ao ver Píppi pular lá de cima, mas a cara deles piorou depois que os dois se equilibraram de volta pela cumeeira na direção da escada e descobriram que ela não estava mais lá. Primeiro ficaram furiosos com Píppi, que estava no gramado olhando para cima, e berraram

com ela, dizendo que fosse buscar a escada imediatamente porque senão ainda ia se arrepender.

— Por que vocês estão bravos desse jeito? — disse Píppi, chateada.

— A gente só estava brincando de pegar, não é mesmo? Vamos continuar, amigos!

Os policiais pensaram um pouco, e no fim um deles disse, com voz suave:

— Querida, você não quer ser um amor de menina e encostar de novo a escada na parede para a gente poder descer?

— Lógico! Com muito prazer — disse Píppi, e na mesma hora recolocou a escada. — E, depois que vocês descerem, a gente pode tomar um café e passar momentos agradáveis!

Mas aqueles policiais eram mesmo cheios de truques, pois, assim que desceram para o gramado, os dois avançaram para Píppi aos gritos:

— Agora você vai ver, menina endiabrada!

Píppi não se abalou:

— Ah, desculpem, estou sem tempo para continuar nossa brincadeira. Mas foi muito divertido brincar com vocês.

Depois de dizer isso, Píppi agarrou os policiais pelo cinturão e se afastou pelo caminhezinho do jardim carregando os dois. Em seguida saiu pelo portão e largou-os na calçada. Um bom tempo se passou até eles conseguirem recuperar os movimentos e levantar-se do chão.

— Esperem aí um pouquinho — gritou Píppi, e correu até a cozinha, de onde saiu com um biscoito de canela em cada mão. — Querem provar? Estão um pouco queimados, mas são gostosos.

Pippi voltou para perto de Tom e Aninha, os dois de olhos arregalados, sem acreditar no que estavam vendo. E os policiais voltaram correndo para a cidade e disseram a todas as tias e todos os tios que não ia dar certo levar Pippi para um lar de crianças. Não contaram a ninguém que tinham subido no telhado. E as tias e os tios acharam que afinal de contas era melhor deixar Pippi morar na Vila Vilekula. Ela que fosse à escola se quisesse, e tomasse as providências necessárias.



Mas Pippi, Tom e Aninha tiveram uma tarde muito agradável. Primeiro, acabaram o lanche interrompido. Pippi devorou catorze biscoitos de canela, depois disse:

— Aqueles policiais não eram exatamente do jeito que eu imagino que um policial deve ser. Imaginem! Primeiro vieram com aquela história de lar de crianças, depois com a tambolada, depois com Lisboa!

Mais tarde, levou o cavalo para o gramado e os três deram um passeio montados nele. Primeiro Aninha não queria, estava com medo, mas quando viu como Tom e Píppi estavam se divertindo, disse que também queria, e Píppi a puxou para o lombo do cavalo. E o cavalo deu milhares de voltas pelo gramado enquanto Tom cantava: “Os suecos estão chegando, ando, ando...” .

Naquela noite, depois que ele e a irmã foram se deitar, Tom falou:

— Aninha, você não acha o máximo Píppi ter se mudado para cá?

— Foi a melhor coisa do mundo — disse Aninha.

— Eu já nem consigo me lembrar do que a gente brincava antes de ela chegar! Você consegue?

— Ah, a gente brincava de jogar croqué, coisas assim — disse Aninha. — Mas com a Píppi é muito mais divertido. Tem cavalo, tem tanta coisa...

4

PÍPPI

**VAI À
ESCOLA**



TOM E ANINHA IAM À ESCOLA, lógico. Todos os dias às oito da manhã os dois saíam de mãos dadas, com livros e cadernos debaixo do braço.

Quando eles saíam, geralmente Píppi estava escovando o cavalo ou vestindo a roupinha no sr. Nilson. Outras vezes ela estava fazendo sua ginástica matutina, o que significava dar 43 cambalhotas, sem intervalo. Em seguida costumava sentar-se na mesa da cozinha e, contentíssima, tomar uma grande xícara de café acompanhada de pão com queijo.

Todo dia, ao sair para a escola, Tom e Aninha olhavam para a Vila Vilekula morrendo de vontade de ir para lá. Seria muito melhor ficar brincando com Píppi em vez de ir estudar. Se pelo menos Píppi também fosse à escola, as coisas seriam diferentes.

— Imagine como a gente ia se divertir quando estivesse voltando para casa da escola! — disse Tom.

— É, e quando a gente estivesse indo, também! — disse Aninha.

Quanto mais eles pensavam no assunto, mais ficavam chateados com o fato de Píppi não ir à escola. No fim, resolveram tentar convencê-la a começar a estudar.

— Você nem imagina como a nossa professora é legal! — disse Tom a Píppi, certa tarde em que ele e Aninha tinham ido visitar a

amiga na Vila Vilekula depois de terminarem os deveres de casa.

— Se você soubesse como a gente se diverte na escola... — continuou Aninha. — Se eu não fosse à escola, morria.

Píppi sentou-se num almofadão e pôs os dois pés dentro de um balde com água. Não disse nada, só ficou remexendo os dedos dos pés durante algum tempo, respingando água para todos os lados.

— A gente não precisa ficar muito tempo lá — continuou Tom. — Só até as duas da tarde.

— É, e tem as férias de Natal, as férias de Páscoa, as férias de verão... — disse Aninha.

Píppi, pensativa, começou a roer a unha do dedão do pé, mas continuou em silêncio. De repente, como se tivesse tomado uma decisão, derramou toda a água do balde no chão da cozinha. O sr. Nilson, que estava sentado ali perto brincando com um espelho, ficou com a calça toda molhada.

— Não é justo! — disse Píppi, séria, sem prestar atenção no ar preocupado do sr. Nilson com a calça ensopada. — Não é nem um pouco justo! Não vou tolerar uma coisa dessas!

— Mas do que você está falando? — perguntou Tom.

— Dentro de quatro meses é Natal, e vocês vão ter férias de Natal. E eu? Não vou ter? — Píppi falava com voz triste. — Não vou ter férias de Natal. Nem que fossem férias de Natal bem pequenininhas — disse, muito infeliz. — Isso não pode ficar assim. Amanhã vou à escola.

Tom e Aninha bateram palmas de alegria.

— Oba! Então às oito horas da manhã a gente espera por você na frente do nosso portão.

— Ah, não! Não consigo sair tão cedo. Além disso, vou à escola a cavalo.

E foi mesmo. Exatamente às dez da manhã do dia seguinte, Píppi tirou seu cavalo da varanda, e uma hora mais tarde todos os habitantes da cidadezinha correram para suas janelas para ver que cavalo era aquele, fugindo em disparada pela rua. Ou melhor, que cavalo era aquele que eles acharam que estava fugindo em disparada pela rua. Só que não era nada disso. Era simplesmente Píppi, indo para a escola um pouco atrasada. Ela chegou à escola galopando a toda a velocidade, depois pulou do cavalo amarrou-o numa árvore e entrou na sala de aula com tanto estardalhaço que Tom, Aninha e todos os seus coleguinhas estremeceram nas carteiras.

— Oi, pessoal! — cumprimentou Píppi, acenando com o chapelão.
— Cheguei a tempo de aprender a tambolada?

Tom e Aninha tinham avisado a professora que a escola ia ganhar uma nova aluna chamada Píppi Meialonga. Além disso, a professora já ouvira falar de Píppi ao conversar com os moradores da cidadezinha. E como era uma professora muito legal e muito competente, tinha resolvido fazer tudo o que pudesse para que Píppi gostasse da escola.

Sem que ninguém a convidasse, Píppi se instalou numa carteira vazia, mas a professora não deu a mínima para os modos atirados dela. Simplesmente falou, com voz muito amistosa:

— Bem-vinda à escola, pequena Píppi. Espero que você goste, e que aprenda uma porção de coisas.

— É, e eu espero entrar em férias de Natal — disse Píppi. — Foi por isso que resolvi vir à escola. Porque não era justo, entende?

— Você pode começar me dizendo seu nome completo — disse a professora —, para eu poder matricular você na escola.

— Eu me chamo Pippilotta Comilança Veneziana Bala de Goma Filhefrain Meialonga, filha do capitão Efraim Meialonga, antigo Terror dos Mares e hoje rei dos canibais. Píppi é meu apelido, pois meu pai achava que Pippilotta era um nome muito comprido.

— É mesmo? — disse a professora. — Bom, nesse caso nós também vamos chamar você de Píppi. Mas agora a gente pode conversar um pouco e ver quais são seus conhecimentos — continuou. — Você já é uma menina grande e com certeza sabe uma porção de coisas. Vamos começar pela matemática. E então, Píppi, você sabe me dizer quanto é sete mais cinco?

Píppi olhou muito impressionada para a professora. Depois respondeu:

— Bom, se você mesma não sabe, não fique achando que vou lhe dizer!

Todas as crianças olharam horrorizadas para Píppi. A professora explicou a ela que não era assim que se respondia na escola.

— Então me desculpe! — disse Píppi, séria. — Eu não sabia. Não vou mais fazer isso.

— Espero que não — disse a professora. — E agora deixe que eu lhe diga: sete mais cinco é doze.

— Está vendo? Se você sabia, para que me perguntar?

A professora resolveu agir como se tudo fosse muito normal, e continuou interrogando Píppi.

— Muito bem, Píppi. Quanto você acha que é oito mais quatro?
— Mais ou menos 67 — arriscou Píppi.
— Nada disso — disse a professora. — Oito mais quatro é doze.
— Olhe, minha amiga. Assim você já está indo longe demais — disse Píppi. — Você acabou de me dizer que sete mais cinco é doze. Mesmo na escola é preciso haver um pouco de ordem e lógica nas coisas! Além disso, se você é tão ligada nesse tipo de bobagem, por que não vai fazer suas contas sozinha num canto e nos deixa brincar de pega-pega?

A professora chegou à conclusão de que não adiantava insistir com a ideia de ensinar matemática a Píppi. Em vez disso, começou a interrogar as outras crianças.

— Será que o Tom pode resolver este problema? — perguntou. — Se Lisa tem sete maçãs e Alex nove, quantas maçãs têm os dois juntos?

— Vamos lá, Tom! — interrompeu Píppi. — E aproveite para me explicar o seguinte: se Lisa ficar com dor de barriga e Alex com mais dor de barriga ainda, de quem é a culpa? E, antes que eu me esqueça, onde foi que eles arranjaram tanta maçã?

A professora tentou fazer de conta que não tinha ouvido e se virou para Aninha.

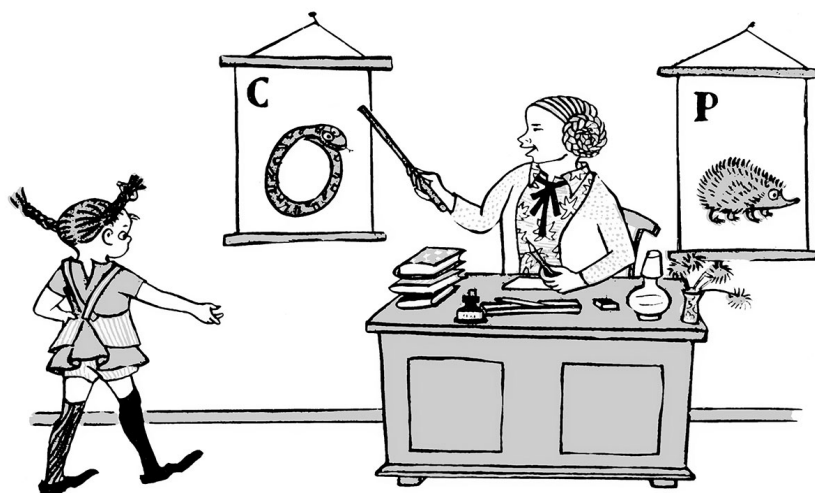
— E agora, Aninha, tenho um problema para você. Gustavo estava fazendo um piquenique com os amigos. Tinha uma coroa quando saiu de casa e sete centavos quando voltou. Quanto ele gastou?

— Isso mesmo — intrometeu-se Píppi. — E me diga também por que ele saiu por aí gastando desse jeito, e se gastou o dinheiro com

refrigerante ou com o quê, e se havia lavado direito as orelhas antes de sair de casa.

A professora resolveu desistir de vez da aula de matemática. Achou que talvez Píppi gostasse mais de aprender a ler. Por isso, mostrou a ela um lindo cartãozinho com a imagem de um iguana. Na frente do nariz do iguana estava escrita a letra “i”.

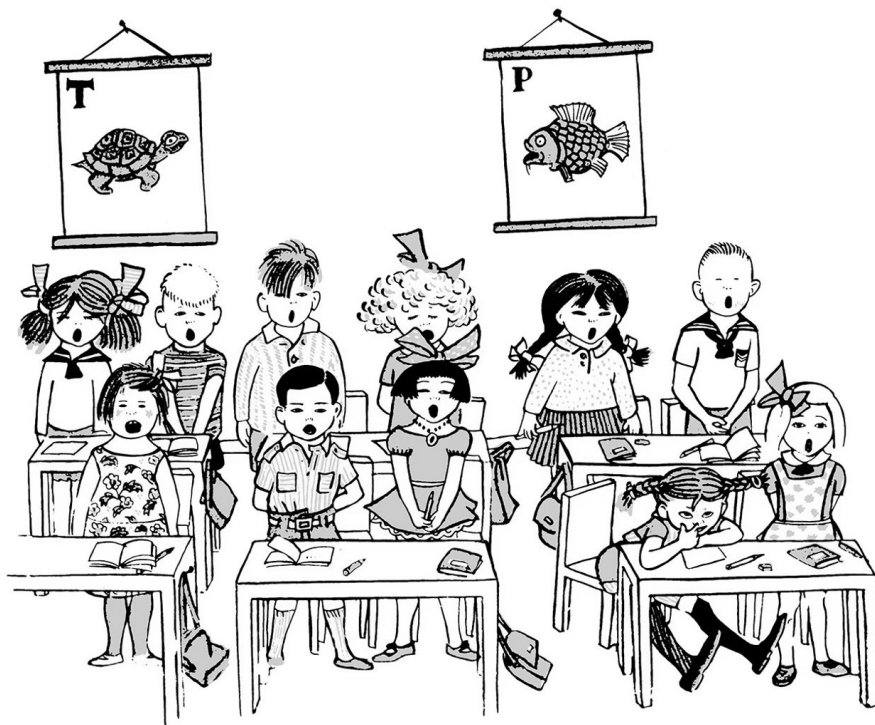
— E agora, Píppi, vou lhe mostrar uma coisa engraçada — disse ela depressa. — Neste cartão, você está vendo a imagem de um iiiiiiiguana. E essa letra perto do iiiiiiiguana se chama “i”.



— Está aí uma coisa em que nunca vou acreditar — disse Píppi. — Para mim isso é uma linha reta com um cocozinho de mosca em cima. Mas o que eu realmente gostaria de saber é: o que o iguana tem a ver com o cocozinho de mosca?

A professora mostrou a ela outro cartão, com a estampa de uma cobra, e disse a Píppi que a letra que aparecia ali se chamava “cê”.

— Por falar em cobra — disse Píppi —, nunca vou me esquecer da vez em que lutei com uma cobra enorme na Índia. Vocês nem imaginam, era uma cobra pavorosa de catorze metros de comprimento e feroz como uma abelha, e todo dia ela comia cinco indianos mais duas criancinhas de sobremesa, e um dia ela chegou e queria que eu fosse a sobremesa dela e se enrolou em mim e... nheque! Mas eu já viajei muito pelo mundo, como já contei, e acertei em cheio a cabeça dela... bum! Aí ela gritou... uiiiiii! Aí acertei de novo a cabeça dela... bum! E pimba! A cobra morreu. E sabem o que mais? Com ela morreu a letra “cê”, não é incrível?



Píppi foi obrigada a parar de falar para tomar fôlego. E a professora, que havia chegado à conclusão de que Píppi era uma

criança mal-educada e encenqueira, resolveu que a classe ia desenhar um pouco. Certamente Píppi seria capaz de ficar sentada quietinha desenhando, pensou a professora. Depois distribuiu papel e lápis de cor para as crianças.

— Agora desenhem o que tiverem vontade de desenhar — disse, e foi sentar-se em seu lugar, onde começou a corrigir os deveres de casa das crianças. Pouco depois, ergueu o olhar para ver como estavam indo os desenhos. Todas as crianças estavam olhando para Píppi, que se espichara no chão para desenhar, feliz da vida.

— Mas, Píppi — disse a professora, impaciente —, por que você não desenha no papel?

— Faz muito tempo que acabei de desenhar nele, mas meu cavalo não cabia inteiro naquele papelzinho de nada — disse Píppi. — Neste exato momento estou desenhando as patas da frente, mas quando eu chegar ao rabo, acho que vou ter de sair para o corredor.

A professora se concentrou por um tempo, para ver se chegava a uma conclusão.

— Que tal a gente cantar um pouco? — perguntou.

Todas as crianças ficaram em pé ao lado de suas carteiras, todas menos Píppi, que continuou estendida no chão.

— Podem cantar, assim eu descanso um pouco — disse ela. — Muito estudo acaba com qualquer um.

Mas agora a paciência da professora tinha mesmo chegado ao fim. Ela mandou todas as crianças saírem para o pátio porque queria ter uma conversinha com Píppi.

Quando a professora e Píppi ficaram sozinhas, Píppi se levantou e se aproximou da mesa da professora.

— Sabe de uma coisa? — disse ela. — Foi muito legal vir até aqui para saber como funciona uma escola. Mas acho que não vou mais me acostumar com essa história de ser aluna. Azar, que eu não entre em férias de Natal. É muita maçã, muito iguana, muita cobra para mim. Fico com a cabeça zonza. Espero que você não fique chateada com isso, professora.

Mas a professora disse que ficava, sim, muito chateada, principalmente porque Píppi não queria se comportar direito, e que nenhuma menina que se comportasse do jeito que Píppi se comportava ia conseguir frequentar a escola, mesmo que quisesse.

— Eu me comentei mal? — perguntou Píppi, muito surpresa. — Nossa, eu não sabia! — disse, muito triste. Ninguém conseguia fazer mais cara de triste do que Píppi quando ficava triste.

A menina ficou um momento em silêncio, depois falou com voz trêmula:

— Entende, professora? Se você tem uma mãe que é um anjo e um pai que é rei dos canibais, e se você passou a vida inteira navegando mar afora, acaba não sabendo direito como se comportar na escola, no meio de tanta maçã e tanto iguana...

Aí a professora falou que entendia e que não estava mais chateada com Píppi, e que se a menina quisesse podia voltar para a escola quando estivesse um pouco mais velha. Píppi ficou felicíssima, e declarou:

— Você é mesmo muito legal, professora! Isto aqui é um presente para você.

A menina tirou do bolso um pequeno relógio de ouro e pôs em cima da mesa. A professora disse que não podia aceitar um

presente valioso como aquele, mas Píppi insistiu:

— Você precisa aceitar! Se não aceitar, volto para a escola amanhã e você vai ver a bagunça que eu vou fazer.

Depois Píppi correu para o pátio da escola e pulou para o lombo do cavalo. Todas as crianças se reuniram em torno dela para fazer festinha no cavalo e ver Píppi ir embora.

— Vocês precisavam ver como são as escolas na Argentina — disse Píppi. — É para lá que vocês deviam ir. As férias da Páscoa começam três dias depois do fim das férias de Natal, e três dias depois do fim das férias da Páscoa começam as férias de verão. As férias de verão acabam no dia 1º de novembro, e daí em diante, enquanto não começam as férias de Natal, no dia 11 de novembro, o aluno tem de enfrentar um período de trabalho duro. Mas dá para aguentar, já que pelo menos ninguém tem de fazer dever de casa. Isso é estritamente proibido na Argentina. De vez em quando acontece de alguma criança argentina se esconder num armário para estudar uma lição, mas coitada dessa criança se a mãe descobre. Lá não se ensina matemática na escola. Se alguma criança souber quanto é sete mais cinco, essa criança tem de passar o dia inteiro de castigo, em pé no canto da sala. Mas, para isso acontecer, ela tem de ser muito burra e contar para a professora que sabe. E lá só se aprende a ler na sexta-feira, isso no caso de haver algum livro para ler. Só que nunca tem.

— Mas o que eles fazem na escola? — perguntou um garotinho.

— Chupam bala — disse Píppi sem vacilar. — Um tubo muito comprido sai de uma fábrica de balas ali perto e vai até a sala de

aula. O tubo fica o dia inteiro jogando balas, e assim nunca falta bala para as crianças chuparem.

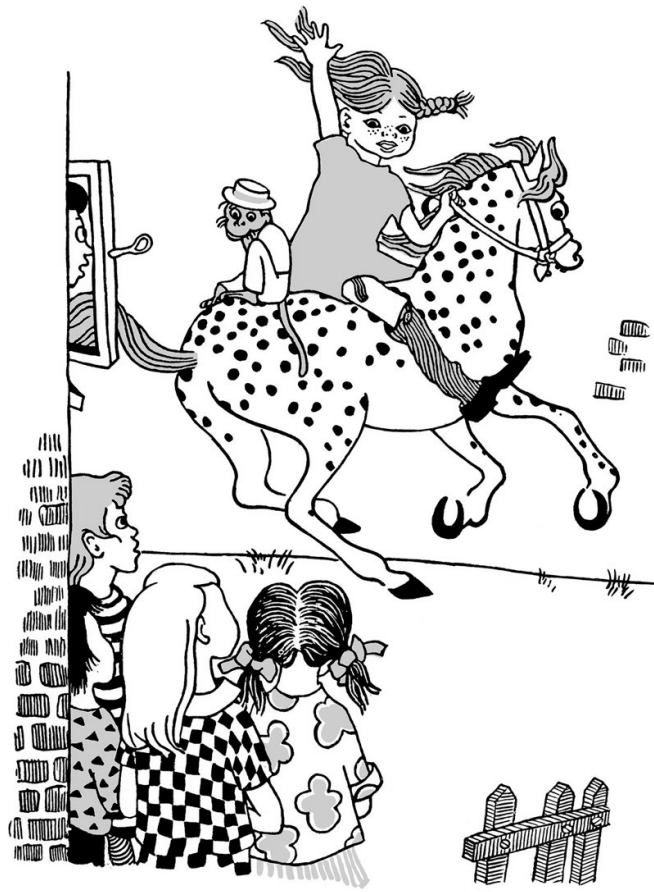
— Ah... Mas e a professora, o que faz? — perguntou uma menina.

— Fica tirando o papel das balas para as crianças, claro! — disse Píppi. — Você acha que as crianças iam fazer isso sozinhas? Imagine! Na verdade elas nem vão à escola! Mandam os irmãos.

Píppi deu adeus com o chapelão.

— Tchau, crianças! — gritou alegremente. — Agora vocês vão ficar algum tempo sem me ver. Mas tratem de não esquecer quantas maçãs tinha o Alex, para depois não se arrependerem. Hahaha!

Com uma risada, Píppi saiu cavalgando portão afora, e os cascos do cavalo jogaram pedrinhas para os lados, que foram tamborilar nas vidraças da escola.



5

PÍPPI

**FICA SENTADA NO
PORTÃO, DEPOIS ESCALA
UMA ÁRVORE**



DO LADO DE FORA DA VILA Vilekula estavam sentados Píppi, Tom e Aninha. Píppi estava sentada numa das laterais do portão, Aninha na outra, e Tom estava sentado no portão. Era um dia quente e bonito de final de agosto. Perto do portão crescia uma pereira, e seus galhos se estendiam até perto das crianças. Não dava o menor trabalho: era só estender a mão e colher as melhores frutas, peras de agosto, pequenas e douradas. Estavam os três ali, comendo pera e cuspiendo as sementes na rua.

Vila Vilekula tinha sido construída bem no limite entre a cidade e o campo, no lugar onde a rua se transformava em estradinha. Os moradores da cidade gostavam muito de andar para os lados de Vila Vilekula, pois aquela era a região mais bonita da cidade.

Enquanto as crianças estavam ali sentadas comendo pera, apareceu uma menina andando pela rua, vindo da cidade. Quando viu os três, ela parou e perguntou:

- Vocês viram meu pai passar por aqui?
- Hmmm... — fez Píppi. — Como ele é? Tem olhos azuis?
- Tem — disse a menina.
- Tamanho médio, nem muito alto nem muito baixo?
- É — disse a menina.
- Chapéu preto e sapatos pretos?

— Isso mesmo! — disse a menina, animada.

— Ah, nesse caso nós não vimos — disse Píppi, com segurança.

A menina ficou tristonha e se afastou sem dizer nada.

— Espere um pouco — gritou Píppi. — Ele era careca?

— Não, careca não — disse a menina, irritada.

— Sorte dele! — disse Píppi, e cuspiu um caroço de pera.

A menina se afastou andando depressa, mas Píppi gritou:

— Ele tinha orelhas tremendamente grandes, chegando até quase os ombros?

— Não! — disse a menina, que se virou e voltou correndo, de olhos arregalados. — Quer dizer que você já viu um sujeito andando pela rua com orelhas grandes desse jeito?

— Nunca vi ninguém andar com as orelhas — disse Píppi. — Todas as pessoas que eu conheço andam com os pés.

— Ai, como você é burra! Estou perguntando se é verdade que você já viu um sujeito com orelhas assim tão grandes!

— Não — disse Píppi. — Não existe nenhuma pessoa com orelhas desse tamanho. Seria ridículo. Que cara a pessoa ia ter? Não é possível ter orelhas desse tamanho. Pelo menos não neste país — disse, rindo, depois de ficar um instante pensativa. — Claro, na China as coisas são um pouco diferentes. Uma vez vi um chinês em Xangai. As orelhas dele eram tão grandes que ele usava as orelhas como capa. Quando chovia era só ele ir para baixo das orelhas e ficar ali bem quentinho, bem confortável. Claro, do ponto de vista das orelhas, a situação não era tão agradável. Quando o tempo estava muito ruim, ele costumava convidar os amigos para acampar embaixo de suas orelhas. Eles ficavam ali sentados, cantando suas

canções mais tristes, enquanto a chuva despenhava do céu. Os amigos gostavam muito dele, por causa daquelas orelhas. O nome dele era Hai Shang. Vocês deviam ter visto Hai Shang correndo para o trabalho, de manhã. Ele sempre chegava esbaforido no último minuto, porque gostava muito de dormir de manhã. Vocês nem imaginam como ele era engraçado quando chegava correndo com as orelhas para trás, como duas enormes velas amarelas.

A menina tinha parado na frente do portão e estava ali de boca aberta ouvindo o que Píppi dizia. E Tom e Aninha até se esqueceram de continuar comendo pera, de tão interessados que ficaram na história.

— Ele tinha mais filhos do que conseguia contar. O menor se chamava Pedro — disse Píppi.

— É, mas onde já se viu um chinês chamado Pedro? — interrompeu Tom.

— Foi exatamente o que a mulher dele disse para ele. “Onde já se viu um chinês chamado Pedro?”, ela falou. Mas Hai Shang era tremendamente teimoso, e disse que ou o menino recebia o nome de Pedro ou não ia ter nome nenhum. Depois foi se sentar num canto, puxou as orelhas por cima da cabeça e ficou ali gemendo. E a pobre da mulher teve de concordar com ele, óbvio, e o menino recebeu o nome de Pedro.

— Que coisa! — disse Aninha.

— Aquele era o menino mais horroroso de toda Xangai — continuou Píppi. — Vivia reclamando da comida, deixando a mãe muito infeliz. Vocês devem saber que na China as pessoas comem ninho de andorinha. E lá ficava a mãe dele, com um prato cheio de

ninho de andorinha, e ele não querendo comer. “Coma, Pedrinho”, ela dizia, “coma um ninho de andorinha para o papai!” Mas Pedro trancava a boca e fazia que não com a cabeça. No fim, Hai Shang ficou tão irritado que decretou que ninguém mais ia fazer comidas novas para o Pedro se ele não comesse um ninho de andorinha para o papai. E quando Hai Shang dizia uma coisa, não tinha discussão. E assim o mesmo ninho de andorinha entrou e saiu da cozinha de maio até outubro. No dia 14 de julho, a mãe de Pedro tentou convencer o pai a deixar que ela desse duas almôndegas para o filho, mas Hai Shang não deixou.

— Que bobagem! — disse a menina que estava na rua.

— Foi exatamente o que Hai Shang disse. “Que bobagem!”, ele falou. “É evidente que o menino pode comer o ninho de andorinha, é só parar de ser teimoso.” Mas Pedro continuou de boca bem fechada. Ficou assim de maio até outubro.

— Mas como ele conseguia viver? — quis saber Tom.

— Não conseguia — disse Píppi. — Morreu. De pura teimosia. No dia 18 de outubro. E foi enterrado no dia 19. E no dia 20 uma andorinha entrou voando pela janela e pôs um ovo no ninho que estava em cima da mesa. Quer dizer, no fim, o ninho serviu para alguma coisa. Deu tudo certo! — disse Píppi, satisfeita, depois olhou pensativa para a menina, que continuava em pé no meio da rua com aquele ar preocupado.

— Que cara mais engraçada! — disse Píppi. — Por que será? Você não está achando que tudo isso é invenção minha, está? Se estiver, me diga agora mesmo! — continuou, com ar ameaçador, arregaçando as mangas.

— Não, de jeito nenhum! — disse a menina, assustada. — Eu não diria que você está propriamente inventando, mas...

— Não? — disse Píppi. — Mas é exatamente isso o que estou fazendo. Estou mentindo, e minha língua está ficando preta! Você acha mesmo que uma criança pode viver sem comer nada de maio até outubro? Claro que eu sei que é possível ficar três, quatro meses sem comer... Mas de maio a outubro é impossível! Você deve ter percebido perfeitamente que é mentira. Você não deve permitir que as pessoas lhe digam mentiras, não importa o quê.

A menina deu as costas aos três e se afastou sem olhar para trás.

— Como as pessoas podem ser confiantes, às vezes! — disse Píppi para Tom e Aninha. — De maio a outubro! Que ingenuidade!

Depois gritou para a menina:

— Não! Não vimos seu pai! Não vimos um único careca o dia inteiro. Mas ontem passaram dezessete por aqui. Todos de braços dados!

O jardim de Píppi era realmente uma delícia. Não era bem cuidado, isso não era mesmo, mas havia lindos tufos de grama que nunca eram cortados, e roseiras antigas, carregadas de rosas brancas e amarelas e rosadas, talvez de qualidade não muito refinada, mas de um perfume maravilhoso. Havia ainda muitos tipos de árvores frutíferas e, o que é melhor, alguns carvalhos e olmos muito grandes, ótimos para serem escalados.

As árvores do jardim de Tom e Aninha não eram tão boas de escalar, e a mãe deles estava sempre achando que eles podiam cair e se machucar. Por isso eles não eram muito sabidos em matéria de escalar árvores. Mas naquele instante Píppi perguntou:

— Vocês topam escalar aquele carvalho?

Tom pulou do portão na mesma hora, encantado com a proposta. Aninha ficou um pouco mais hesitante, mas quando viu que o tronco tinha protuberâncias que facilitavam a escalada, também começou a achar que seria divertido tentar.

Uns dois metros acima do chão o carvalho se dividia em dois galhos grandes, e o ponto onde eles se separavam formava uma pequena plataforma. Em pouco tempo as três crianças estavam sentadas ali. Acima das cabeças delas, a copa do carvalho se abria como um enorme telhado verde.

— Bem que a gente podia fazer um lanche aqui! — disse Píppi. — Vou descer e preparar um agora mesmo.

Tom e Aninha bateram palmas e gritaram “Oba!”.

Pouco depois, Píppi voltou com o lanche. Na véspera ela assara bolinhos. Ficou parada embaixo do carvalho e começou a jogar as xícaras para cima, para Tom e Aninha apararem. Só que por duas vezes quem aparou foi o carvalho, e as xícaras se quebraram. Píppi foi correndo buscar outras. Depois foi a vez dos bolinhos, e durante algum tempo o espaço ficou cheio de bolinhos voadores. Pelo menos eles não quebravam. No fim, Píppi subiu com o bule de café em uma das mãos. Também levava uma garrafinha com creme no bolso e açúcar numa caixinha.

Tom e Aninha acharam que nunca tinham tomado café mais gostoso na vida. Eles não tinham permissão para tomar café todos os dias, só nos dias de festa. Mas, ali, estavam numa festa. Aninha derramou um pouco de café no vestido. Primeiro ficou quente e molhado, depois frio e molhado, mas não fazia mal, disse Aninha.

Quando eles acabaram o lanche, Píppi jogou as xícaras no gramado lá embaixo.

— Quero só ver se a porcelana moderna é forte — disse. Uma xícara e três pires aguentaram firmes, só o bico do bule quebrou.

Logo depois, Píppi resolveu escalar a árvore até mais acima.

— Olhem só! — gritou ela de repente. — O tronco é oco!

O tronco tinha um enorme buraco, que as folhas haviam escondido da vista das crianças.

— Posso subir para ver também? — gritou Tom. Mas ninguém respondeu. — Píppi, onde você está? — gritou o menino, preocupado.

Nisso, os dois irmãos ouviram a voz de Píppi. Só que a voz não vinha de cima, e sim lá de baixo. Parecia que estava saindo de dentro do chão.

— Estou dentro da árvore. O tronco é oco até embaixo. Quando eu espio por uma frestinha na madeira, vejo o bule caído na grama.

— E agora, como você vai fazer para subir de novo até aqui? — gritou Aninha.

— Nunca mais vou subir — disse Píppi. — Vou ficar aqui até me aposentar. Vocês vão ter de jogar comida cá para dentro pelo buraco lá em cima. Cinco ou seis vezes por dia.

Aninha começou a chorar.

— Para que essa tristeza? Para que ficar chateada? — disse Píppi. — Vocês também podem descer até aqui para a gente brincar que está preso numa masmorra.

— Nunca na vida! — disse Aninha. E, para maior segurança, desceu da árvore.

— Aninha, estou vendo você pela fresta! — gritou Píppi. — Não vá tropeçar no bule! É um velho bule simpático que nunca fez mal a ninguém. É uma pena ele ter ficado sem bico!

Aninha se aproximou do tronco da árvore e viu, através de uma pequena fresta, a pontinha do dedo de Píppi. Aquilo a deixou muito consolada, mas a preocupação continuou.

— Píppi, é verdade mesmo que você não consegue subir até o buraco? — perguntou ela.

O dedo de Píppi desapareceu e menos de um minuto depois o rosto dela surgiu no buraco, lá no alto da árvore.

— Talvez consiga, se me esforçar muito — afirmou ela, afastando as folhas com as mãos.

— Se é tão fácil assim subir — disse Tom, que continuava empoleirado na árvore —, também quero descer e ficar algum tempo me lamentando!

— Espere um pouco! — disse Píppi. — Acho que vou buscar uma escada.

Píppi saiu pelo buraco do tronco, desceu para o chão e foi correndo buscar uma escada, que empurrou para o alto da árvore e, em seguida, enfiou pelo buraco.

Tom estava louco para descer. Era muito difícil escalar a árvore até o buraco porque ele estava muito alto, mas Tom era corajoso. Não tinha medo nem mesmo de descer pelo oco escuro da árvore. Aninha viu o irmão desaparecer e ficou muito aflita, sem saber se alguma vez na vida ia voltar a vê-lo. Tentou avistar alguma coisa espiando pela fresta.

— Aninha! — ecoou a voz de Tom. — Você nem imagina como é sensacional aqui dentro. Você precisa entrar também. Não é nem um pouquinho perigoso, com a escada para subir. Se você entrar aqui uma vez, nunca mais vai querer fazer outra coisa na vida.

— Você tem certeza? — perguntou Aninha.

— Absoluta — disse Tom.

Com as pernas trêmulas, Aninha subiu outra vez na árvore. Píppi ajudou-a no trecho final, mais difícil. Quando viu a escuridão dentro do tronco, a menina quase desistiu, mas Píppi segurou a mão dela e a encorajou.

— Não tenha medo, Aninha! — Tom gritou lá de baixo. — Já estou vendo suas pernas! Se você cair, pode deixar que eu seguro você.

Mas Aninha não caiu. Chegou sã e salva até onde estava Tom. Um momento depois, Píppi também chegou.

— Não é legal aqui? — perguntou Tom.

E Aninha teve de concordar. No fim das contas nem era tão escuro quanto ela achava que fosse, porque entrava luz pela fresta. Aninha espiou e disse aos outros que também conseguia ver o bule caído na grama, lá fora.

— Isto aqui vai ficar sendo nosso esconderijo secreto — disse Tom. — Ninguém nunca vai descobrir que estamos aqui. E se alguém vier nos procurar, podemos controlar pela fresta. E vamos rir à beça.



— Podemos enfiar uma vareta pela fresta e cutucar as pessoas — disse Píppi. — Vão achar que é fantasma!

As três crianças ficaram tão felizes com a ideia que se abraçaram. Nisso ouviram o gongo avisando que na casa de Tom e Aninha estava na hora de ir para a mesa jantar.

— Ah, que pena! — disse Tom. — Agora vamos ter de ir para casa. Mas amanhã voltamos, assim que chegarmos da escola.

— Isso mesmo! — disse Píppi.

E assim os três subiram pela escada: primeiro Píppi, depois Aninha e por último Tom. Em seguida desceram da árvore: primeiro Píppi, depois Aninha e por último Tom.

6

PÍPPI

**ORGANIZA UM
PIQUENIQUE**

.....



— HOJE NÃO VAMOS À ESCOLA! — disse Tom a Píppi. — Férias da Faxina.

— Ah! — exclamou Píppi. — Outra injustiça! Para mim não tem Férias da Faxina, e bem que estou precisando. É só dar uma olhadinha para o chão da cozinha! Mas para falar a verdade — continuou ela —, pensando bem, posso fazer faxina sem férias. E acho que vou fazer isso agora mesmo, com ou sem Férias da Faxina. Quero só ver alguém me impedir! Sentem-se na mesa da cozinha para não atrapalhar.

Tom e Aninha subiram na mesa da cozinha sem discutir, e foi para lá que também pulou o sr. Nilson, que deitou a cabeça no colo de Aninha para dormir.

Píppi esquentou uma grande chaleira com água, que, assim que esquentou, ela foi logo derramando pelo chão da cozinha sem maiores conversas. Em seguida tirou seus grandes sapatos e arrumou-os direitinho na bandeja do pão. Depois amarrou dois escovões nos pés descalços e começou a patinar por toda a cozinha. Quando Píppi deslizava na água, era respingo para tudo quanto é lado.

— Bem que eu deveria ter sido princesa esquiadora — disse ela, levantando uma perna tão alto que o escovão de seu pé esquerdo

tirou uma lasca do lustre. — Graça e encanto são coisas que não me faltam — continuou, dando um salto muito ágil sobre uma cadeira que estava no caminho. — Bom, agora já sei que está limpo — disse, afinal, descalçando os escovões.

— Você não vai secar o chão? — perguntou Aninha.

— Não! Disso o sol se encarrega! — disse Píppi. — Não acredito que o chão vá pegar um resfriado. É só ele não parar de se mexer.

Tom e Aninha desceram da mesa e começaram a andar com o maior cuidado, para não se molharem.

Fora, o sol brilhava num céu azul sem nuvens. Era um daqueles dias maravilhosos de setembro, que dão vontade de dar um passeio na floresta. Píppi teve uma ideia.

— O que vocês acham de a gente fazer um piquenique e levar o sr. Nilson conosco?

— Vamos! Vamos! — gritaram Tom e Aninha, entusiasmados.

— Deem um pulo até em casa e perguntem à mãe de vocês se ela deixa! Enquanto isso, vou aprontar a cesta do piquenique.

Tom e Aninha acharam que era uma excelente ideia. Foram correndo até em casa e em pouco tempo estavam de volta; encontraram Píppi prontinha, fora do portão, com o sr. Nilson no ombro, uma bengala numa das mãos e uma grande cesta na outra.

Primeiro as crianças andaram um pouco pela estradinha, mas em determinado momento entraram por um relvado onde havia uma trilha sinuosa e muito agradável, que entrava e saía dos bosquezinhos de avelãzeiras e bétulas. Depois de andar algum tempo, os três chegaram a uma porteira. Do outro lado da porteira havia um relvado ainda mais lindo do que o primeiro. Só que bem

na frente da porteira estava uma vaca que, pelo jeito, ninguém ia convencer a se afastar dali. Aninha gritou com ela; Tom, valente, foi até lá tentar empurrá-la; mas ela não saía do lugar, ficava só olhando para as crianças com seus grandes olhos de vaca. Para pôr um fim à situação, Píppi largou a cesta no chão, deu dois passos à frente, levantou a vaca e tirou-a do caminho. Com cara de boba, a vaca saiu trotando e desapareceu entre os pés de avelã.

— Não sei como as vacas podem ser tão teimosas — disse Píppi, e pulou a porteira.

— Que bosque mais lindo! — gritou Aninha, encantada, subindo em todas as pedras que avistava. Tom tinha trazido a adaga que Píppi lhe dera de presente, e com ela cortou galhos de árvore que transformou em bengalas para ele e Aninha. É verdade que também cortou um pouco o dedão, mas não se incomodou.

— Talvez fosse bom a gente colher alguns cogumelos — disse Píppi, e arrancou um lindo, avermelhado. — Será que dá para comer? — perguntou. — Bom, para beber não serve, então só nos resta a opção de comê-lo. Acho que vai dar certo!

Píppi mordeu com vontade o cogumelo, depois engoliu.

— Deu certo! — constatou, feliz da vida. — Senhores e senhoras, um dia desses a gente cozinha o resto! — declarou, jogando o cogumelo ainda mais alto do que o topo das árvores.

— O que você trouxe na cesta, Píppi? — perguntou Aninha. — Alguma coisa boa?

— Não conto nem por mil coroas — respondeu Píppi. — Primeiro temos de achar um bom lugar para fazer o piquenique.

Impacientes, as crianças começaram a procurar um lugar adequado. Aninha encontrou uma grande pedra chata que achou que podia servir, só que a pedra estava coberta de formigas vermelhas. Píppi foi logo anunciando:

— Não quero me sentar perto delas porque ainda não fomos apresentadas!

— É, e além disso elas mordem — disse Tom.

— É mesmo? — disse Píppi. — Então morda elas também!

Nisso, Tom avistou uma pequena clareira entre duas avelãzeiras e achou que era um bom lugar.

— Não, não. Tem pouco sol para alimentar minhas sardas — disse Píppi. — E eu acho sarda uma coisa muito bonita.

As crianças andaram mais um pouco e encontraram uma colina muito fácil de escalar. Na colina havia uma pequena saliência ensolarada que parecia um terraço de pedra. Foi lá que os três se sentaram.

— Agora fechem os olhos, enquanto arrumo as coisas — disse Píppi.

Tom e Aninha fecharam os olhos bem fechados e ouviram quando Píppi abriu a cesta e fez um barulho com papel.

— Um... dois... dezenove! Pronto, podem olhar! — disse Píppi pouco depois.

Tom e Aninha olharam e gritaram de prazer quando viram todas as coisas boas que Píppi arrumara em cima da pedra. Havia deliciosos sanduichinhos de almôndega e presunto, um monte de panquecas com açúcar, várias salsichinhas grelhadas e três pudins

de abacaxi. É que Píppi sabia cozinhar. Aprendera com o cozinheiro do navio de seu pai.

— As Férias da Faxina são divertidíssimas! — disse Tom, com a boca cheia de panqueca. — Pena que não tem Férias da Faxina todos os dias!

— Melhor não — disse Píppi. — Não sou tão entusiasmada assim com essa história de faxina. É verdade que é divertido, mas não precisa ser todos os dias, fica cansativo.

As crianças comeram tanto que mal conseguiam se mexer. Ficaram quietinhas, ao sol, só gostando de estar ali.

— Será que é difícil voar? — murmurou Píppi, olhando sonhadora para além da beirada da rocha onde os três estavam sentados. Abaixo deles, a colina formava uma encosta íngreme, com a planície bem lá embaixo.

— As pessoas deviam aprender a voar, pelo menos a voar para baixo — prosseguiu. — Claro, é muito mais difícil voar para cima. Mas por que não começar pelo jeito mais fácil? Eu, pelo menos, acho que vou começar agora.

— Não, Píppi! — gritaram Tom e Aninha ao mesmo tempo. — Píppi querida, por favor, não faça isso!

Mas Píppi já estava posicionada na beirada da rocha.

— Voe, ave avoadada, voe, e a ave avoadada avoou! — disse ela, e no exato instante em que disse “avoou”, ergueu os braços e pulou no espaço. Alguns segundos depois ouviu-se um barulho. Era Píppi chegando lá embaixo. Tom e Aninha, apavorados, se deitaram de barriga no chão para ver o que tinha acontecido. Píppi se levantou e limpou a terra dos joelhos.

— Esqueci de sacudir os braços — disse alegremente. — Além disso, havia panqueca demais na minha barriga.

Naquele exato instante as crianças se deram conta de que o sr. Nilson tinha desaparecido. Dava para perceber que ele resolvera fazer alguma expedição por conta própria. Os três se lembravam de tê-lo visto sentado, moendo a cesta do piquenique em pedacinhos, mas com a experiência do voo de Píppi haviam se esquecido dele. E agora ele tinha evaporado.

De tão furiosa, Píppi jogou um de seus sapatos dentro de um grande açude.

— É nisso que dá sair com macacos! — afirmou. — Por que a gente não deixou ele em casa, espantando as moscas do cavalo? Teria sido a melhor coisa a fazer — continuou, entrando no açude para buscar o sapato. A água lhe chegava até a cintura.

— Acho que vou aproveitar a oportunidade para lavar o cabelo — disse Píppi, e mergulhou. Ficou tanto tempo com a cabeça submersa que a água começou a borbulhar.

— Pronto! Economizei uma ida ao cabeleireiro — observou, satisfeita, quando afinal subiu à superfície para respirar. Depois saiu do açude e calçou o sapato. Em seguida, os três foram procurar o sr. Nilson.

— Ouçam só o barulho que eu faço quando ando! — riu Píppi. — Minha roupa faz choque-choque e meus sapatos fazem nhique-nhique! Muito legal! Acho que vocês também deviam tentar — disse para Aninha, que avançava a seu lado toda elegante, com seu cabelo bem liso, seu vestido cor-de-rosa e seus sapatinhos brancos.

— Vamos deixar para outro dia — disse a prudente Aninha.

Os três foram em frente.

— O sr. Nilson tem a capacidade de acabar com a paciência da gente — disse Píppi. — Ele sempre faz isso. Uma vez, em Surabaja, fugiu de mim e foi trabalhar como copeiro na casa de uma viúva idosa. — Píppi fez um intervalo e acrescentou:

— Isso que eu acabei de falar é uma mentira, claro.

Tom sugeriu que cada um deles procurasse o sr. Nilson numa direção diferente. No começo Aninha ficou um pouco amedrontada e não queria, mas Tom falou:

— Você não vai dar uma de chorona, vai?

Aninha não podia aceitar um insulto daqueles, por isso concordou com a proposta de Tom e cada um foi para um lado.

Tom começou a atravessar um campo. Não viu nem sombra do sr. Nilson, mas viu outra coisa: um touro! Ou, melhor dizendo, o touro viu Tom e não gostou do que viu, porque aquele touro era muito mal-humorado e não gostava de crianças. De cabeça baixa, investiu para cima de Tom soltando urros medonhos. Tom, apavorado, soltou um berro que ressoou pelo bosque inteiro. Píppi e Aninha ouviram e foram correndo ver qual era o problema. Quando chegaram, o touro já estava quase alcançando Tom, que havia tropeçado num toco e estava caído no chão.

— Que touro mal-educado, esse! — disse Píppi a Aninha, que chorava sem parar. — Ele devia saber que não pode se comportar desse jeito! Vai sujar toda a roupa branca de marinheiro do Tom! Preciso ir até lá ensinar algumas coisas àquele bobalhão.

E lá se foi ela, correndo, e começou a puxar o touro pela cauda.

— Desculpe estragar a festa — disse, e depois de puxar com toda a força conseguiu fazer o touro se virar. O touro se virou e viu outra criança, que também teve vontade de jogar para cima com os chifres. — Como eu ia dizendo — continuou Píppi —, desculpe estragar a festa e desculpe estragar seu chifre. — Em seguida, quebrou um dos chifres do touro. — Este ano não está na moda ter dois chifres — falou. — Este ano todos os melhores touros têm um chifre só. Ou nenhum! — E quebrou o outro chifre.

Como os touros não sentem nada nos chifres, aquele nem percebeu que havia ficado sem chifres e foi para cima de Píppi. Se ela fosse qualquer outra criança, teria virado mingau.

— Hahaha! Pare de me fazer cócegas — gritava Píppi. — Você não sabe como eu sinto cócegas! Hahaha, pare, pare, vou morrer de rir!

Mas o touro não parava, e no fim Píppi acabou pulando para o lombo dele para respirar um pouco. Só que, para falar a verdade, o descanso foi breve, pois o touro não gostou nem um pouco da ideia de Píppi e começou a saltar feito doido para ver se conseguia derrubar aquela menina do lombo. Píppi, de seu lado, firmou-se com os joelhos e aguentou firme. O touro corria de um lado para outro pelo campo soltando mugidos tão desesperados que começou a lhe sair fumaça pelo nariz. Píppi ria e gritava e acenava para Tom e Aninha, que observavam a cena de certa distância, tremendo feito varas verdes. O touro continuou correndo em círculos, tentando derrubar Píppi.

— Vejam como eu danço com meu amiguinho! — anunciou Píppi, firme nas costas do touro. O animal ficou tão cansado que acabou se deitando na relva, torcendo para nunca mais na vida encontrar

uma criança pela frente. Logo ele, que nunca tinha dado importância a crianças!

— Vai tirar uma soneca? — perguntou Píppi, gentil. — Não quero atrapalhar.

Desmontou e se aproximou de Tom e Aninha. Tom tinha chorado um pouco. Estava com um braço esfolado, mas Aninha fizera uma atadura com seu lenço e não estava mais doendo.

— Oh, Píppi! — gritou Aninha, cheia de admiração, quando a amiga chegou perto.

— Shhhhh! — cochichou Píppi. — Não acorde o touro! Ele está dormindo, e se acordar, vai querer nos perturbar.

Mas, no segundo seguinte, ela disparou em voz alta:

— Sr. Nilson, sr. Nilson! Onde você se enfiou? — ela não se preocupava nem um pouco com o repouso do touro. — Está na hora de ir para casa!

E, por incrível que pareça, lá estava o sr. Nilson, no alto de um pinheiro. Com o ar mais solitário do mundo, chupava a ponta do rabo. Para um macaquinho pequeno como ele, não tinha a menor graça ficar sozinho no bosque. Ao ver as crianças, desceu depressa da árvore e subiu no ombro de Píppi, agitando o chapeuzinho como fazia sempre que estava muito feliz.

— Ah, bom! Quer dizer que desta vez você não foi trabalhar de copeiro! — disse Píppi, fazendo festinha nas costas dele. — Que nada! A verdade é que falei aquilo de mentira! — disse. — É, mas se fosse verdade, aí não seria mentira — continuou. — Esperem só, vocês vão ver que vamos acabar descobrindo que ele foi mesmo

copeiro em Surabaya, e, se for verdade, já sei quem vai preparar as almôndegas lá em casa de hoje em diante!

As crianças tomaram o rumo de casa, sempre com o vestido de Píppi fazendo cheque-chaque e os sapatos, nhique-nhique. Na opinião de Tom e Aninha, aquele tinha sido um dia maravilhoso (fora o touro), por isso iam cantando uma canção aprendida na escola. Na verdade era uma canção que falava do verão e o outono já estava chegando, mas os dois acharam que não tinha importância.

Que delícia, é verão, o sol brilha!
vamos passear pela trilha,
depois de barco até a ilha,
cantando sem parar, lá-rá-li-rá!

Você, que é criança,
venha entrar na dança,
não fique parado em casa!

Nossa canção enche o espaço
e alegre o nosso passo
por campos e bosques, sem cansaço!
É verão, o sol brilha, vamos passear
cantando lá-rá-li-rá.

Píppi também cantava, só que as palavras de sua canção eram um pouco diferentes:

Que delícia, é verão, o sol brilha!
Eu vou passear pela trilha,
minha cabeça fervilha,
e meu sapato faz nhique-nhique!

E os meus sapatos
grasnam que nem patos,
fazem quá-quá-quá!

Sapato molhado,
touro deitado,
que dia agitado!

É verão, o sol brilha, vamos fazer piquenique.
E, quando ando, faço nhique-nhique!

7

PÍPPI

**VAI AO
CIRCO**



TINHA CHEGADO UM CIRCO NA cidadezinha e todas as crianças foram correndo pedir às mães e aos pais para assistir ao espetáculo. Tom e Aninha também, e o pai deles, carinhoso, tirou na hora algumas moedas do bolso e deu aos filhos.

Com o dinheiro bem apertado na mão, os dois foram no mesmo instante à casa de Píppi. Encontraram a amiga na varanda, com o cavalo. Ela estava dividindo a cauda do animal em muitos rabos de cavalo bem fininhos, para depois amarrar com fita vermelha.

— Acho que hoje é o aniversário dele — disse. — Por isso tem de ficar bem bonito.

— Píppi — disse Tom, sem fôlego por causa da corrida —, Píppi, você quer ir ao circo conosco?

— Posso ir com vocês a quase todos os lugares — disse Píppi —, mas não sei se posso ir com vocês ao circo porque não tenho a menor ideia do que é um circo. Circo dói?

— Como você é boba! — disse Tom. — Imagine se circo dói! É muito divertido! Cavalos, palhaços, moças bonitas andando na corda bamba!

— Mas tem que pagar — disse Aninha, e abriu a mão para ver se o dinheiro continuava lá.

— Mas eu sou muito rica — disse Píppi —, portanto, acho que posso até comprar um firco, se quiser. Só que se eu trazer mais cavalos para cá, vai ficar muito apinhado. Os palhaços e as moças bonitas dá para pôr na lavanderia, mas os cavalos... Vai ser difícil.

— Bobinha! — disse Tom. — Você não vai comprar circo nenhum. A gente paga para entrar no circo e fica só olhando, entendeu?

— Minha nossa! — gritou Píppi, fechando os olhos bem apertados. — Pagar para olhar? E eu, que passo o tempo todo olhando tudo? Sabe lá quanto dinheiro já estou devendo!

Depois, bem devagarinho, abriu um dos olhos com todo o cuidado, e começou a girá-lo em todas as direções.

— Azar, custe o que custar, preciso dar uma olhadinha imediatamente! — disse.

Depois de muito esforço, Tom e Aninha conseguiram explicar a Píppi o que era um circo, e ela foi buscar algum dinheiro na mala. Logo depois pôs o chapéu que parecia um moinho, de tão grande, e lá se foram os três para o circo.

A barraca do circo estava cercada de pessoas; na frente da bilheteria havia uma longa fila. Finalmente chegou a vez de Píppi. Ela enfiou a cabeça pela janelinha da bilheteria, olhou bem a senhora simpática que estava lá dentro e perguntou:

— Quanto custa olhar para você?

Mas a senhora era de outro país e não entendeu o que Píppi queria saber. Sua resposta foi:

— Menininha, som cinco corroas nas prrimeirras filas, trrês corroas nos lugarres comuns e uma corroa parra assistir de pé.

— Sei... — disse Píppi. — Mas você precisa prometer que também vai andar na corda bamba!

Nesse momento, Tom se intrometeu e disse que Píppi queria um assento comum. Píppi entregou uma moeda de ouro à senhora e a senhora olhou para a moeda com ar desconfiado, depois deu uma mordida nela para ver se era de verdade. No fim, acabou se convencendo de que a moeda era mesmo de ouro, e Píppi recebeu seu ingresso e um monte de moedas de prata de troco.

— O que vou fazer com todas essas moedinhas brancas irritantes? — perguntou, de cara feia. — Fique com elas, que eu olho duas vezes para você, combinado?

Como Píppi não quis receber troco de jeito nenhum, a senhora trocou o ingresso dela por um lugar nas primeiras filas, depois deu ingressos para Aninha e Tom sem que eles precisassem pagar nada. Foi assim que Píppi, Tom e Aninha acabaram instalados em lindas cadeiras vermelhas bem junto do picadeiro. Tom e Aninha se viravam a todo momento para acenar para os colegas da escola, sentados bem mais atrás.

— Que lugar incrível! — disse Píppi, olhando para os lados, muito impressionada. — Só que, pelo jeito, alguém andou espalhando serragem pelo chão! Não que eu me incomode, mas dá uma impressão de falta de capricho.

Tom explicou a Píppi que em todos os circos havia serragem no chão para que os cavalos pudessem correr.

De repente, os músicos do circo, reunidos sobre um estrado, começaram a tocar uma marcha retumbante. Píppi bateu palmas, entusiasmada, e começou a pular de alegria.

— Também é preciso pagar para ouvir, ou é de graça? — perguntou.

Naquele momento a cortina da entrada dos artistas se abriu e o diretor do circo entrou correndo no picadeiro, de fraque negro e chicote na mão, seguido por dez cavalos brancos de pluma vermelha na cabeça.

O diretor do circo estalou o chicote e os cavalos começaram a galopar em torno do picadeiro. Quando o diretor estalou de novo o chicote, todos os cavalos pararam e apoiaram as patas dianteiras no gradil que cercava o picadeiro. Um dos cavalos estava bem na frente dos assentos das crianças. Aninha não gostou muito de estar tão perto de um cavalo, por isso se recostou na cadeira o mais que pôde, mas Píppi se inclinou, ergueu uma das patas do cavalo e disse:

— Você vai bem? Meu cavalo lhe manda muitas lembranças! Aliás, hoje é aniversário dele, mas ele está com laços na cauda, e não na cabeça.

Por sorte, Píppi largou a pata do cavalo antes que o diretor voltasse a estalar o chicote, pois quando ele fez isso todos os cavalos tiraram as patas do gradil e começaram outra vez a galopar.

Quando o número dos cavalos acabou, o diretor se inclinou diante do público e os cavalos se retiraram galopando. No instante seguinte, a cortina se abriu novamente e entrou um cavalo negro como carvão. Em pé sobre seu lombo vinha uma moça muito bonita, de malha verde. No programa estava escrito que o nome dela era Miss Carmencita.

O cavalo começou a trotar em círculos no picadeiro e Miss Carmencita sempre calma e sorridente. Mas aí aconteceu algo. No exato instante em que o cavalo passou pelo lugar onde Píppi estava sentada, uma coisa passou voando pelo ar — e a coisa era nada mais, nada menos do que a própria Píppi. E agora lá estava ela, de pé sobre o lombo do cavalo, atrás de Miss Carmencita. Primeiro Miss Carmencita ficou tão espantada que quase caiu do cavalo. Depois ficou furiosa. Começou a dar tapas no ar atrás de si, para obrigar Píppi a pular para o chão, mas não conseguia.

— Calma aí! — disse Píppi. — Você acha que só você pode se divertir? Todo mundo pagou, é ou não é?

Miss Carmencita tentou pular para o chão, mas também não conseguiu, pois Píppi tinha agarrado sua cintura com as duas mãos.

Todas as pessoas que estavam no circo começaram a rir. Era tão engraçado ver a graciosa Miss Carmencita imobilizada à força por uma menina de cabelo vermelho, equilibrada sobre o lombo do cavalo com seus enormes sapatos, com jeito de quem nunca tinha feito outra coisa na vida senão trabalhar em circos!



Mas o diretor não achou graça e fez um sinal para um homem de roupa vermelha, ordenando-lhe que fosse segurar o cavalo.

— O número já acabou? — perguntou Píppi, desapontada. — Logo agora, que a gente estava se divertindo tanto?

— Garrota horrorosa! — falou baixinho o diretor. — Saia já daqui! Píppi olhou triste para ele.

— Qual é o problema? — perguntou. — Por que você está tão bravo comigo? Achei que a gente estava aqui para se divertir!

Dizendo isso, desceu do cavalo e foi para sua cadeira. Nisso apareceram dois enormes guardas para obrigá-la a se retirar. Os dois agarraram Píppi e tentaram carregá-la.

Não conseguiram. Píppi continuou sentada, imóvel, e não houve jeito de levantá-la da cadeira, por mais que os guardas se

esforçassem. Depois de algum tempo, desistiram e se afastaram.

Enquanto isso, o número seguinte tinha começado. Miss Elvira ia andar na corda bamba. Usava uma sainya cor-de-rosa, de tule, e tinha um guarda-chuva cor-de-rosa na mão. Com passos miúdos e delicados, correu pela corda. Balançava as pernas e fazia mil piruetas. Um número muito bonito. Miss Elvira mostrou até que era capaz de andar de costas na corda. Mas quando voltou para a pequena plataforma na ponta da corda e se virou, deu de cara com Píppi.

— O que você vai fazer agora? — perguntou Píppi, encantada, ao ver a expressão de espanto de Miss Elvira.

Miss Elvira não respondeu, mas pulou para o chão e correu para o diretor, que era pai dela, e se pendurou no pescoço dele. E, mais uma vez, o diretor chamou os guardas e lhes ordenou que pusessem Píppi para fora dali. Dessa vez vieram cinco guardas. Mas aí as pessoas que estavam no circo começaram a gritar:

— Deixem ela ficar! Queremos ver a menina de cabelo vermelho!
E todos batiam palmas e sapateavam.

Píppi subiu na corda bamba. As proezas de Miss Elvira não eram nada perto do que Píppi conseguia fazer. Quando chegou no meio da corda, levantou uma das pernas para o alto e seu enorme sapato ficou parecendo uma marquise sobre a cabeça dela. Depois inclinou um pouco o pé e começou a coçar a parte de trás da orelha com o bico do sapato.

O diretor não estava nem um pouco satisfeito com a nova artista que aparecera em seu circo. Queria dar um jeito nela. Por isso se

aproximou do mecanismo que mantinha a corda esticada e o afrouxou. Tinha certeza de que Píppi ia cair.

Só que Píppi não caiu. Em vez disso, começou a balançar a corda. A corda ia e vinha, e Píppi balançava cada vez mais depressa, até que de repente tomou impulso e se jogou no espaço, e foi aterrissar exatamente nos ombros do diretor. Ele ficou com tanto medo que saiu correndo.

— Que cavalo sensacional! — exclamou Píppi. — Mas por que você não tem nenhum pompom no cabelo?

Nesse momento Píppi achou que já estava na hora de voltar para perto de Tom e Aninha. Pulou do diretor para o chão e voltou para seu assento. O número seguinte já ia começar, mas foi preciso fazer um pequeno intervalo para que o diretor fosse tomar um copo de água e pentear o cabelo. Assim que voltou para o picadeiro, ele saudou o público e disse:

— Minhas senhoras e meus senhores! Dentrro de alguns instantes todos vocês terão a oportrtunidade de aprpreciarr a maiorr maravilha de todos os tempos, o homem mais forrte do mundo, o Porrtentoso Adolfo, que ninguém até hoje conseguiu derrotarr. Minhas senhoras e meus senhores... Tenho o prrazer de aprresentar-lhes... o Porrtentoso Adolfo!

Nesse momento entrou no picadeiro um homem imenso. Vestia uma malha cor da pele e trazia uma pele de leopardo amarrada na cintura, e cumprimentou o público com o ar mais satisfeito do mundo.

— Vejam que músculos! — disse o diretor, e apertou o braço do Portentoso Adolfo, cujos músculos pareciam bolas por debaixo da

pele.

— E agora, distinto público, quero fazer um convite muito especial! Quem, entre os senhores, se atreve a enfrentar o Portentoso Adolfo em uma luta? Quem se atreve a medir forças com o homem mais forte do mundo? Aquele que vencer o Portentoso Adolfo receberá um prêmio de cem coroas! Cem coroas, senhoras e senhores! E então? Quem se apresenta?

Ninguém se manifestou.

— Que foi que ele disse? — perguntou Píppi. — E por que ele está falando árabe?

— Ele disse que a pessoa que conseguir derrubar aquele grandão ganha cem coroas — disse Tom.

— Eu consigo — disse Píppi. — Mas não acho direito bater naquele rapaz de ar tão simpático.

— Nada disso. Você não consegue — disse Aninha. — Ele é o homem mais forte do mundo.

— O homem mais forte do mundo. Tudo bem. Só que eu sou a menina mais forte do mundo, não esqueça.

Enquanto isso, o Portentoso Adolfo se dedicava a erguer pesos enormes e a dobrar grossas varas de ferro ao meio só para demonstrar como era forte.

— E então, cavalheiros — berrou o diretor —, será verdade que ninguém aqui quer ganhar cem coroas? Será verdade que vou ser obrigado a ficar com esse dinheiro? — E, dizendo isso, agitava diante de si uma cédula de cem coroas.

— Não, não será verdade — disse Píppi, saltando o gradil para entrar no picadeiro.

O diretor ficou enfurecido quando viu a menina.

— Forra daqui! Suma da minha vista! — ordenou.

— Por que você sempre tem de ser tão desagradável? — perguntou Píppi, aborrecida. — Só estou querendo lutar com o Portentoso Adolfo!

— Se você querr fazerr piada, este não é o lugarr! — disse o diretor. — Forra daqui antes que o Porrtentoso Adolfo ouça suas maluquices!

Mas Píppi caminhou em linha reta, passou ao lado do diretor e se aproximou do Portentoso Adolfo. Ato contínuo, apertou a enorme mão dele com grande entusiasmo.

— Vamos lutar um pouquinho, nós dois? — convidou.

O Portentoso Adolfo olhou para ela sem entender nada.

— Vou começar a luta dentro de um minuto — avisou Píppi.

E foi exatamente o que fez. Agarrou o Portentoso Adolfo pela cintura e, antes que alguém pudesse perceber o que estava acontecendo, jogou-o ao chão. O Portentoso Adolfo se levantou de rosto vermelho.

— Viva a Píppi! — gritaram Tom e Aninha.

Todas as pessoas que estavam no circo aquela noite ouviram, e também gritaram:

— Viva a Píppi!

O diretor estava sentado no gradil, torcendo as mãos. Estava muito bravo, mas o Portentoso Adolfo estava mais bravo ainda. Nunca tinha sido tão humilhado em toda a sua vida, e agora pretendia mostrar àquela menina de cabelo vermelho que o

Portentoso Adolfo era um homem sem igual. Correu para cima dela e agarrou-a pela cintura. Só que Píppi ficou firme como uma rocha.



— Você não está dando tudo o que pode! — disse, para encorajá-lo. Mas, enquanto dizia aquilo, soltou-se das mãos dele e um segundo depois lá estava o Portentoso Adolfo no chão outra vez. Píppi, em pé ao lado dele, esperou. Não teve de esperar muito. Com um rugido, ele se ergueu do chão e investiu mais uma vez para cima dela.

— Tidelipom e pidelidei! — disse Píppi.

Todas as pessoas que estavam no circo começaram a sapatear e a jogar os chapéus para cima, gritando:

— Viva a Píppi!

Quando, pela terceira vez, o Portentoso Adolfo partiu para cima dela, Píppi ergueu o adversário bem alto e, esticando os braços acima da cabeça, deu a volta no picadeiro carregando o grandão. Depois deitou-o no chão e imobilizou-o.

— E agora, miudinho — disse —, acho que está na hora de esquecer essa bobagem toda. Mais divertido do que já está, com certeza não vai ficar.

— Píppi venceu! Píppi venceu! — gritavam os presentes. O Portentoso Adolfo saiu de fininho o mais depressa que pôde. E o diretor do circo foi obrigado a se aproximar de Píppi e entregar-lhe as cem coroas, embora, pela cara, estivesse com mais vontade de engoli-las.

— Aqui estão suas cem corroas, minha jovem! — falou.

— Isso aí? — disse Píppi, desdenhosa. — O que você quer que eu faça com esse pedaço de papel? Se quiser, fique para você e use para enrolar arenque!

Feita essa declaração, Píppi voltou para seu lugar.



— Este firco está demorando muito — disse para Tom e Aninha. — Vou tirar um cochilo, mas me acordem se alguém precisar de novo da minha ajuda.

Dito isso, recostou-se em sua cadeira e adormeceu imediatamente. E assim permaneceu, roncando, enquanto palhaços, engolidores de espada e encantadores de cobra exibiam seus talentos para Tom, Aninha e as outras pessoas presentes no circo.

— Na minha opinião, o melhor número foi o da Píppi! — murmurou Tom para Aninha.

8

PÍPPI

**RECEBE A VISITA DE
DOIS LADRÕES**

.....



DEPOIS QUE PÍPPI SE APRESENTOU no circo, não havia uma única pessoa na cidadezinha que não soubesse como ela era incrivelmente forte. Saiu até no jornal. Mas é claro que as pessoas que moravam em outros lugares não sabiam quem era Píppi.

Numa tarde sombria de outono, dois homens desconhecidos vinham andando pela estrada que passava na frente da Vila Vilekula. Eram dois ladrões perigosos percorrendo o campo para ver se encontravam alguma coisa para roubar. Viram luz nas janelas da Vila Vilekula e resolveram entrar e pedir alguma coisa para comer.

Naquela tarde, Píppi havia derramado todas as suas moedas de ouro no chão da cozinha e estava sentada contando o dinheiro. Ela não sabia contar muito bem, mas mesmo assim de vez em quando contava o dinheiro, pois queria fazer as coisas direito.

— ... sessenta e cinco, sessenta e seis, sessenta e sete, sessenta e oito, sessenta e nove, sessenta e dez, sessenta e onze, sessenta e doze, sessenta e treze, sessenta e dezesseis... ufa, minha garganta está muito sessenta! Não é possível! Deve haver algum outro número na numeragem! Ah, já me lembrei. Cento e quatro mil. É muito dinheiro, mesmo! — disse Píppi.

Nesse momento ouviu-se uma pancada forte na porta.

— Entre ou fique aí fora, como preferir! — gritou Píppi. — Não sou exigente.

A porta se abriu e os dois ladrões entraram. Imaginem o tamanho dos olhos deles quando viram uma menina de cabelo vermelho sentada no chão, sozinha, contando dinheiro.

— Você está sozinha em casa? — perguntaram, disfarçando.

— Claro que não — disse Píppi. — O sr. Nilson também está em casa.

Os dois ladrões não tinham como adivinhar que o sr. Nilson era um macaquinho que naquele exato instante dormia em sua cama pintada de verde com a barriga coberta por um cobertor de boneca. Acharam que o dono da casa se chamava Nilson, e piscaram o olho um para o outro com ar esperto. “Podemos voltar mais tarde!”, era o que estavam pensando, mas para Píppi disseram:

— Só entramos porque queríamos perguntar que horas são.

Os dois estavam tão nervosos que nem se lembraram do lanche que iam pedir.

— Dois rapazes grandes e fortes como vocês que não sabem ler a hora? — estranhou Píppi. — Que tipo de educação vocês receberam? Pelo menos sabem o que é um relógio? Aquele negocinho redondo que faz tique-taque e que anda, anda, sem nunca chegar à porta? Vocês conhecem alguma outra charada? Porque, se conhecem, quero saber! — disse Píppi, encorajando os dois desconhecidos, mas eles acharam que Píppi era muito pequena para saber ler a hora e saíram sem dizer mais nada.



— Não peço que vocês digam “tchau” — gritou Píppi. — Afinal, chegaram sem dizer “oi”. O relógio, com seu tique-taque, é mais comunicativo do que vocês. Mas, por favor, fiquem à vontade e boa viagem! — concluiu, e continuou contando o dinheiro.

Assim que saíram, os dois homens começaram a esfregar as mãos de entusiasmo.

— Você viu quanto dinheiro? Estamos feitos! — disse um deles.

— É, de vez em quando chega a nossa vez! — disse o outro. — Nosso único trabalho vai ser esperar que a garota e o tal Nilson adormeçam. Depois a gente entra na casa sem fazer barulho e passa a mão na grana.

Os ladrões se sentaram para esperar embaixo de um carvalho do jardim. Caía uma chuvinha fria e eles estavam com muita fome, de

modo que a situação dos dois era muito desagradável, mas só de pensar na dinheirama eles já ficavam de bom humor.

As luzes foram se apagando nas outras casas, uma por uma, mas na Vila Vilekula nenhuma luz se apagava. É que Píppi tinha resolvido aprender a dançar xote e não queria se deitar antes de ter certeza de saber. Mas chegou o momento em que as janelas da Vila Vilekula também ficaram escuras.

Os ladrões esperaram uma boa hora, para ter certeza de que o sr. Nilson estava bem adormecido. Em certo momento, porém, eles se aproximaram pé ante pé da porta da cozinha e se prepararam para tentar arrombá-la utilizando suas ferramentas de assalto. Um deles (o nome dele era Floro, imaginem!) resolveu experimentar a maçaneta e viu que a porta não estava trancada!

— Você acha que essa gente é maluca? — cochichou ele para o amigo. — A porta está aberta!

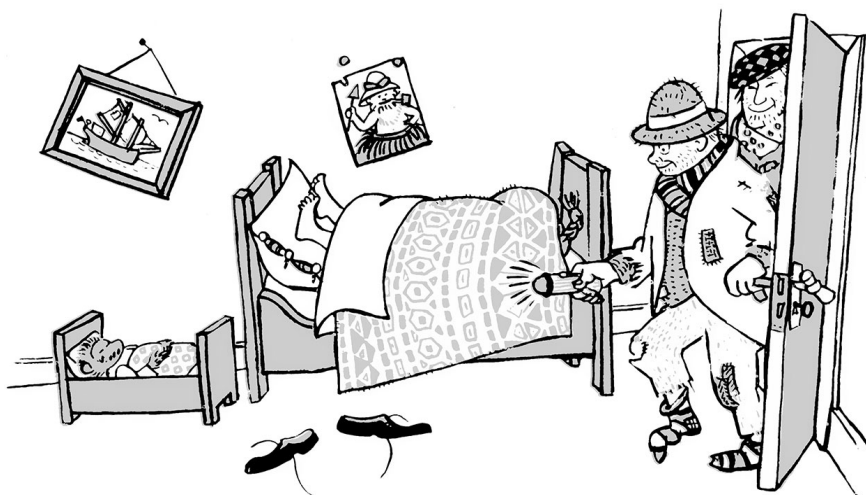
— Melhor para nós! — respondeu o outro, um rapaz de cabelo preto a quem os conhecidos chamavam Carlos Trovão.

Carlos Trovão acendeu sua lanterna e os dois se esgueiraram porta da cozinha adentro. Não havia ninguém. O aposento seguinte era o quarto de Píppi. Era lá, também, que ficava a caminha de boneca onde dormia o sr. Nilson.

Carlos Trovão abriu a porta e espiou lá para dentro com muita cautela. O silêncio era total. Ele iluminou o interior do quarto com sua lanterna. Quando o raio de luz chegou à cama de Píppi, os dois ladrões viram, para seu espanto, um par de pés descansando sobre o travesseiro. Como de hábito, Píppi estava com a cabeça debaixo das cobertas.

— Essa criança deve ser a menina — sussurrou Carlos Trovão para Floro. — Pelo jeito, profundamente adormecida. Mas onde será que se enfiou o Nilson? O que você acha?

— Sr. Nilson, façam o favor — ouviu-se a voz tranquila de Píppi vinda de debaixo das cobertas. — O sr. Nilson está dormindo na caminha verde, de boneca.



Os ladrões ficaram tão apavorados que quase saíram correndo, mas em seguida pensaram no que Píppi acabara de dizer. Que o sr. Nilson estava na cama de boneca. À luz da lanterna, também puderam ver a cama de boneca e o macaquinho adormecido. Carlos Trovão não conseguiu segurar uma risada.

— Floro! O sr. Nilson é um macaco! Hahaha! — disse.

— O que é que tem? O que vocês pensaram que ele era? — ouviu-se novamente a voz tranquila de Píppi vinda de debaixo das cobertas. — Uma máquina de cortar grama?

— Seu pai e sua mãe não estão em casa? — perguntou Floro.

— Não — disse Píppi. — Foram embora. Completamente.

A alegria de Carlos Trovão e Floro era tanta que eles mal conseguiam falar.

— Ouça, minha menininha — disse Carlos Trovão. — Saia daí para a gente conversar!

— Não dá. Estou dormindo — disse Píppi. — Vocês se lembraram de alguma charada? Porque, se for isso, quero ver vocês resolverem esta: “O que é, o que é, que anda, anda e nunca chega à porta?”.

Floro tomou uma decisão e arrancou as cobertas de cima de Píppi.

— Você sabe dançar xote? — perguntou a garota, olhando muito séria para ele. — Porque eu sei!

— Você pergunta demais — disse Carlos Trovão. — Será que nós também podemos fazer umas perguntinhas? Por exemplo: onde você guarda aquele dinheiro que ainda há pouco estava espalhado no chão?

— Na mala em cima do guarda-roupa — respondeu Píppi com franqueza.

Carlos Trovão e Floro sorriram.

— Espero que você não se aborreça, mas vamos ficar com ele, amiguinha — disse Carlos Trovão.

— Imagine se vou me incomodar! De jeito nenhum! Claro que não! — disse Píppi.

Diante disso, Floro se aproximou do guarda-roupa e pegou a mala.

— Espero que vocês não se aborreçam, mas vou pegar de volta, amiguinhos — disse Píppi, levantando-se da cama e avançando para Floro.

Floro nunca soube ao certo como a coisa aconteceu, mas num piscar de olhos a mala estava na mão de Píppi.

— Deixe de bobagem! — disse Carlos Trovão, irritado. — Passe a mala para cá. — E segurou Píppi com força pelo braço, tentando arrancar a mala da mão dela.

— Bobagem para cá e bobagem para lá! — disse Píppi, levantando Carlos Trovão e largando-o em cima do guarda-roupa. Minutos depois, Floro estava sentado ao lado dele. Os dois ladrões ficaram com medo. Tinham começado a entender que Píppi não era exatamente uma menina como as outras. Mas a tentação da mala era tão grande que eles acabaram esquecendo o medo.

— Os dois ao mesmo tempo, Floro! — gritou Carlos Trovão, e os dois pularam do guarda-roupa e foram para cima de Píppi, que estava com a mala na mão. Píppi, porém, espichou o dedo e espetou Floro e Carlos Trovão, que correram para um canto do quarto e se encolheram. Antes que eles conseguissem se levantar, Píppi arranhou uma corda e, rápida como o pensamento, amarrou os braços e as pernas dos dois ladrões. A conversa deles mudou completamente.

— Por favor, bondosa menina! — implorou Carlos Trovão. — Não fique zangada conosco! A gente só estava brincando! Não nos faça mal, somos apenas dois viajantes pobres, entramos em sua casa para pedir um pouco de comida!

Floro confirmava tudo, com lágrimas nos olhos.

Píppi voltou a guardar a mala em cima do guarda-roupa com todo o capricho. Em seguida, virou-se para seus prisioneiros.

— Algum de vocês sabe dançar xote?

— Bom... Quer dizer... — disse Carlos Trovão. — Nós dois sabemos, eu acho.

— Ah! Que maravilha! — disse Píppi, batendo palmas. — Será que a gente podia dançar um pouco? É que eu aprendi hoje mesmo, vocês entendem?

— Claro, claro, sem dúvida! — disse Carlos Trovão, sem saber direito o que falar.

Píppi foi buscar uma enorme tesoura e cortou as cordas que prendiam os visitantes.

— Mas nós estamos sem música! — falou Píppi, preocupada. Logo depois teve uma ideia.

— Você sabe tocar pente? — perguntou ela a Floro. — Enquanto você toca, eu danço com aquele ali — e apontou para Carlos Trovão.

Sem dúvida, Floro sabia tocar pente. E foi o que fez. Dava para ouvir na casa inteira. O sr. Nilson sentou-se em sua cama de olhos arregalados, bem a tempo de ver Píppi dando reviravoltas com Carlos Trovão. Ela estava seriíssima e dançava com tanta disposição que até parecia que a vida dela dependia daquilo.

No fim, Floro disse que não estava mais conseguindo tocar pente por sentir muitas cócegas na boca. E Carlos Trovão, que passara o dia andando pela estrada, começou a se queixar de um grande cansaço nas pernas.

— Por favor! Só mais um pouquinho! — pediu Píppi, sem parar de dançar, e Floro e Carlos Trovão não tiveram outro jeito senão

continuar.

Às três da madrugada, Píppi disse:

— Ah! Eu poderia continuar dançando até quinta-feira. Mas vocês devem estar cansados e com fome.

Era exatamente isso o que eles estavam sentindo, cansaço e fome, embora quase nem tivessem coragem de concordar com Píppi. Mas Píppi apareceu com pão e queijo e manteiga e presunto e carne assada fria e leite; Floro, Carlos Trovão e Píppi sentaram-se à mesa e comeram até quase arrebentar. Píppi derramou um pouco de leite na orelha.

— É bom para dor de ouvido — explicou.

— Coitadinha! Você está com dor de ouvido? — perguntou Floro.

— Não! — disse Píppi. — Mas posso ficar.

Finalmente os dois ladrões se levantaram, agradeceram muito a Píppi pela refeição e pediram licença para se despedir.



— A visita de vocês foi muito divertida! Vocês têm mesmo de ir embora? — perguntou Píppi, desapontada. — Nunca encontrei ninguém que dançasse o xote como você, meu porquinho de açúcar! — declarou a Carlos Trovão. — E você, se treinar bastante, vai parar de sentir cócegas quando tocar pente! — continuou, agora para Floro.

No momento em que os dois iam saindo pela porta, Píppi correu atrás deles e deu uma moeda de ouro para cada um.

— Este dinheiro vocês ganharam com trabalho honesto! — explicou.

9

PÍPPI

VAI A UM

CHÁ

.....



A MÃE DE TOM E ANINHA convidara algumas senhoras para tomar chá, e como havia preparado muita coisa boa, disse a Tom e Aninha que também convidassem Píppi. Desse modo não teria de preocupar-se com os filhos, pois as crianças se distrairiam brincando, imaginou.

Tom e Aninha ficaram muito felizes ao saber desse plano e correram na mesma hora até a casa de Píppi para convidar a amiga. Píppi estava no jardim, molhando com um velho regador enferrujado as poucas flores que restavam. Como naquele exato momento caía o maior toró, Tom disse a Píppi que achava que não era preciso ela molhar o jardim.

— É, você pode até achar — disse Píppi. — Mas eu passei a noite acordada imaginando como seria legal levantar de manhã e molhar o jardim, e não vou deixar que uma chuvinha mixuruca dessas me atrapalhe.

Logo depois, Aninha contou a Píppi a deliciosa novidade do convite para o chá.

— Eu?... Convidada para um chá? — gritou Píppi, e ficou tão atrapalhada que, em vez de regar a roseira que pretendia regar, começou a regar Tom. — Ah, como é que vai ser? Ah, estou tão

nervosa! Imaginem o que vai acontecer se eu não conseguir me comportar!

— Claro que consegue! — acalmou-a Aninha.

— Não tenha tanta certeza assim... — disse Píppi. — Vou tentar, sem dúvida, mas já percebi, mais de uma vez, que as pessoas acham que não estou me comportando mesmo quando estou fazendo tudo para me comportar. Na época em que eu vivia navegando, ninguém se preocupava com esse tipo de coisa. Mas prometo que hoje vou fazer um esforço especial, para que vocês não precisem se envergonhar de mim.

— Ótimo! — disse Tom, e correu para casa, com Aninha, debaixo da chuva.

— Hoje às três da tarde, não se esqueça! — gritou Aninha, espiando por baixo da borda do guarda-chuva.

Às três da tarde uma mocinha muito elegante subiu a escada que levava à porta da frente da família Settergren. Era Píppi Meialonga. Como aquela era uma ocasião especial, ela desmanchara as tranças e seu cabelo vermelho parecia uma juba de leão. Com um lápis de cera pintara a boca de vermelho vivo, e suas sobrancelhas estavam tão escurecidas que sua aparência era quase a de uma pessoa perigosa. Havia pintado as unhas com o mesmo lápis de cera vermelho, e seus sapatos estavam enfeitados com grandes rosetas verdes.

— Tenho a impressão de que vou ser a pessoa mais bem-vestida da festa — murmurou para si mesma ao tocar a campainha.

Na sala de estar da família Settergren estavam sentadas três senhoras muito finas, ao lado de Tom, de Aninha e da mãe deles. A

mesa estava coberta de coisas gostosas e o fogo crepitava na lareira. As senhoras conversavam tranquilamente. Tom e Aninha, sentados no sofá, folheavam um álbum de figuras. Tudo era só harmonia.

De repente, a harmonia foi abalada.

— Companhia, a-ten-çããããão!!!

Ouviu-se um grito lancinante vindo da entrada da casa, e no segundo seguinte lá estava Píppi, em pé na porta da sala. Fora um grito tão forte, tão repentino, que as senhoras haviam pulado de susto.

— Para a freeen-te, marche! — ouviu-se em seguida, e Píppi avançou com passo militar na direção da sra. Settergren.

— Alto!!! — Píppi estacou. — Braços para a frente, um-dois! — gritou, e agarrou com as duas mãos a mão da sra. Settergren, para depois sacudi-la com energia. — Joelhos dobrados! — berrou, e fez uma linda reverência. Em seguida sorriu para a sra. Settergren e disse, com voz normal:

— É que na verdade sou muito tímida, por isso, se eu não desse ordens para mim mesma, estaria até agora parada na entrada sem coragem de entrar.

Depois dessa explicação, correu até as outras senhoras e beijou as três.

— Encantadora, encantadora, por minha honra! — disse-lhes, pois certa vez ouvira um senhor muito elegante dizer aquelas palavras a uma senhora. Concluídos os cumprimentos, foi sentar-se na poltrona mais confortável que encontrou.

De acordo com os planos da sra. Settergren, a festa das crianças seria no quarto de Tom e Aninha, no andar de cima, mas Píppi se

instalou calmamente em sua cadeira, bateu com as mãos nos joelhos e disse, depois de dar uma olhada para o lado da mesa:

— Pelo jeito, está delicioso. Quando vamos começar a comer?

Naquele instante entrou Ella, a empregada da família, trazendo o bule de chá, e a sra. Settergren disse:

— Por favor, vamos passar à mesa!

— Primeira! — gritou Píppi, e em dois pulos chegou à mesa. A menina empilhou num prato todos os bolinhos que conseguiu, pôs cinco colheradas de açúcar numa xícara, esvaziou meia jarra de creme na xícara e voltou para a poltrona com seus troféus antes mesmo de as senhoras terem tido tempo de chegar à mesa.

Píppi espichou as pernas diante de si e prendeu o prato de bolinhos entre os dois dedões dos pés. No segundo seguinte, alegremente, começou a mergulhar os bolinhos na xícara e a enfiá-los na boca, tantos ao mesmo tempo que não conseguiria dizer nem uma palavra, por mais que tentasse. Num piscar de olhos, engoliu todos os bolinhos do prato. Quando isso aconteceu, levantou-se, tamborilando no prato como se fosse um tamborim, e foi até a mesa ver se sobrara algum bolinho. As senhoras olhavam para ela com ar de reprovação, mas ela nem percebia. Tagarelando, muito feliz, deu a volta na mesa recolhendo um bolinho aqui, outro ali.

— Foi muito amável da sua parte me convidar! — comentou. — Eu nunca tinha ido a um chá.

Sobre a mesa havia uma grande torta de nata. No centro da torta, como enfeite, via-se um caramelo vermelho. Píppi estacou com as mãos às costas e ficou olhando para a torta. De repente, inclinou-se

e pegou o caramelo com os dentes. Só que exagerou um pouco na inclinação, e quando se ergueu novamente estava com o rosto coberto de nata.

— Hahaha! — riu Píppi —, agora podemos brincar de cabra-cega, pois a cabra já está com a venda! Não consigo enxergar nada!

Espichando a língua, lambeu toda a nata.

— É, sem dúvida, tivemos um acidente terrível — continuou. — Seja como for, agora que a torta está toda desmontada, posso comer tudo até o fim que dá no mesmo.

E foi o que fez. De pá de torta em punho, começou a remexer no doce e em poucos minutos não restava mais nada. Píppi deu alguns tapinhas na barriga, satisfeita. A sra. Settergren fora até a cozinha e ainda não estava sabendo do acidente com a torta. As outras senhoras, porém, olhavam para Píppi com cara de muito zangadas. Sem dúvida também teriam gostado de provar um pedacinho da torta. Píppi percebeu que elas estavam com um jeito tristonho e resolveu animá-las um pouco.



— O que é isso? Não vamos ficar tristes por causa desse pequeno acidente! — exclamou, para consolá-las. — O importante é ter saúde. E um chá deve ser um momento de alegria.

Pippi pegou o açucareiro na mesa e espalhou todo o açúcar pelo chão.

— Minhas senhoras, observem bem. Este açúcar é um açúcar especial, é aquele que se usa para salpicar as coisas. De modo que estou fazendo uma coisa perfeitamente normal. Porque, afinal, qual seria o sentido de fabricar um açúcar de salpicar, se alguém não sáísse salpicando as coisas com ele? Vocês já observaram como é divertido andar num assoalho salpicado de açúcar? — perguntou. —

Claro, é muito mais divertido ainda quando a gente está sem sapato – prosseguiu, tirando os sapatos e as meias. – Acho que vocês deviam experimentar, pois não há nada mais divertido, acreditem!

Nesse instante, a sra. Settergren entrou na sala. Ao ver o açúcar espalhado pelo chão, pegou Píppi pelo braço com firmeza e obrigou-a a sentar-se no sofá ao lado de Tom e Aninha. Depois se afastou, foi para perto das senhoras e perguntou-lhes se aceitavam mais chá. Ao constatar o desaparecimento da torta de nata, ficou muito feliz, pois imaginou que as convidadas tinham comido tudo, de tanto que gostaram da torta.

Píppi, Tom e Aninha conversavam, sentados calmamente no sofá. As chamas estalavam na lareira. As senhoras tomavam chá, e tudo ficou outra vez na mais santa paz. Foi aí que, como acontece muitas vezes em chás, as senhoras começaram a falar de suas empregadas. Pelo jeito, nenhuma delas conseguira uma boa empregada, pois todas reclamavam das suas e todas achavam que era melhor não ter empregada para evitar aborrecimento. Muito melhor fazer tudo sozinha, diziam elas. Assim a pessoa podia pelo menos ter certeza de que as coisas estavam bem-feitas.

Píppi, sentada no sofá, prestava atenção na conversa e, depois de algum tempo, comentou:

– Uma vez minha avó tinha uma empregada chamada Malu. O único problema da Malu era que ela tinha frieiras nos pés. Fora isso, não havia nada de errado com ela. Mas quando chegava alguma visita, ela corria para cima da visita e mordida a perna dela. E latia! Nossa, como ela latia. Dava para ouvir em todo o quarto. Mas isso era só porque ela era muito brincalhona. Acontece que nem

todo mundo entendia isso. Uma vez a mulher do diretor da escola, uma mulher idosa, foi visitar vovó. Fazia pouco tempo que Malu estava trabalhando lá, e quando Malu correu para cima dela e mordeu seu tornozelo, a mulher do diretor da escola soltou tamanho berro que Malu ficou muito assustada e seus dentes se cravaram com mais força ainda, e ela não conseguiu mais soltar a perna da outra. Teve de ficar lá, grudada no tornozelo da mulher do diretor da escola, até sexta-feira. Não teve jeito, vovó teve de se encarregar de descascar as batatas. Bom, pelo menos a tarefa ficou bem-feita. Vovó descascava batatas tão bem que, quando ela acabava de descascar, não tinha mais batata. Só casca de batata. E, depois daquela sexta-feira, a mulher do diretor da escola nunca mais foi visitar vovó. Ela não conseguia entender uma brincadeira. Coitada da Malu! Tão boa, tão alegre! Bom, para dizer a verdade, de vez em quando ela era um pouco complicada. Uma vez vovó cravou um garfo na orelha dela e ela passou o dia inteiro berrando.

Píppi olhou em volta e sorriu, satisfeita.

— É, eu me lembro da Malu... — disse, e começou a girar os polegares um em torno do outro.

As senhoras fizeram de conta que não tinham ouvido nada do que ela dissesse e retomaram sua conversa.

— Se pelo menos minha Rosa fosse limpinha, talvez desse para eu ficar com ela — disse a sra. Berggren. — Mas ela parece uma porca...

— Olhe, você devia ter visto a Malu — intrometeu-se Píppi. — A Malu era tão tremendamente relaxada que dava gosto de ver, dizia vovó. Durante muito tempo vovó achou que a pele dela era bem morena, mas depois descobriu que era pura sujeira. Uma vez, num

bazar no Hotel da Cidade, ela ganhou o primeiro prêmio por sujeira embaixo das unhas. É... Puxa vida, como aquela garota era suja! — disse Píppi, contente. A sra. Settergren olhou para ela de cara feia.

— Olhem que absurdo! — disse a sra. Granberg. — Na outra noite a Berta, que trabalha lá em casa, saiu com meu vestido azul de cetim e nem me pediu licença!

— É mesmo! — disse Píppi. — Pelo jeito ela e a Malu são farinha do mesmo saco. Vovó tinha uma camiseta cor-de-rosa que ela adorava. Mas o pior é que a Malu também adorava aquela camiseta. Todas as manhãs, vovó e Malu brigavam na hora de decidir quem ia usar a camiseta. No fim, elas resolveram que um dia uma delas usava, e no dia seguinte, a outra. Mas é que vocês não sabem como a Malu era esperta. De vez em quando ela aparecia quando não era o dia dela e dizia: “Se eu não puder usar a camiseta de lã cor-de-rosa hoje, não faço purê de nabo”. O que vovó podia fazer? Purê de nabo era seu prato predileto. Tinha de entregar a camiseta a Malu. E assim que recebia a camiseta, Malu ia para a cozinha correndo e começava a espremer nabo. A parede ficava toda respingada.

Durante algum tempo, a sala ficou em silêncio. Aí a sra. Alexandersson falou:

— Olhem, não é que eu tenha certeza absoluta, mas estou muito desconfiada de que a Hilda, lá de casa, rouba. Já percebi que as coisas desaparecem.

— Pois a Malu... — começou Píppi, mas foi logo interrompida pela sra. Settergren.

— Crianças, vão imediatamente para o quarto de brinquedos, lá em cima.

— Logo agora que eu ia contar que a Malu também roubava! — disse Píppi. — Rápida como uma raposa! Era ver e levar. Ela costumava levantar no meio da noite para roubar um pouco, senão não conseguia dormir direito. Pelo menos era o que ela dizia. Uma noite passou a mão no piano da vovó e enfiou na gaveta de cima da escrivaninha dela. Era muito jeitosa com as mãos, segundo vovó.

Tom e Aninha pegaram Píppi por debaixo dos braços e arrastaram a amiga para o andar de cima. As senhoras se serviram de chá pela terceira vez e a sra. Settergren disse:

— Não é exatamente que eu queira me queixar, mas minha Ella está quebrando toda a louça da casa!

Uma cabeça vermelha apareceu no alto da escada.

— E por falar em Malu — disse Píppi —, talvez vocês estejam se perguntando se ela também quebrava a louça. Sim, quebrava. Tirava um dia por semana só para quebrar louça. Toda terça-feira, segundo vovó. A partir das cinco da manhã dava para ouvir aquela excelente empregada na cozinha quebrando louça. Começava pelas xícaras, pelos copos e pelas outras peças menores, depois passava para os pratos rasos e de sopa e acabava com as sopeiras e travessas. A manhã toda era aquela barulheira na cozinha. Uma alegria para os ouvidos, segundo vovó. E sempre que sobrava algum tempinho à tarde, Malu pegava um martelo e ia para a sala esmigalhar os pratos da Companhia das Índias que estavam pendurados nas paredes. Toda quarta-feira, vovó tinha de comprar louça nova — disse Píppi, e desapareceu no alto da escada como um palhaço numa caixa de surpresas.

Só que agora a paciência da sra. Settergren chegara ao fim. Ela disparou escada acima, entrou no quarto de brinquedos e avançou para Píppi, que justamente começava a ensinar Tom a equilibrar-se sobre a cabeça.

— Se você não consegue se comportar direito, não apareça mais aqui em casa!

Píppi olhou para ela sem entender nada e lentamente seus olhos se encheram de lágrimas.

— Era exatamente isso o que eu temia — disse. — Que eu não soubesse me comportar direito! Não adianta tentar. Nunca vou conseguir aprender. Eu devia ter ficado no mar.

Píppi fez uma reverência para a sra. Settergren, despediu-se de Tom e Aninha e desceu a escada devagar.

Também já estava na hora de as senhoras irem para casa. Píppi sentou-se no vestíbulo, perto da prateleira onde eram guardadas as galochas, e ficou olhando para as senhoras enquanto vestiam as capas e os chapéus.

— Que pena que vocês não gostam das empregadas de vocês — disse. — Vocês deviam ter uma como a Malu. Impossível encontrar outra igual, vovó sempre dizia. Pensem só! Uma vez, no Natal, quando tinha de servir leitão assado, vocês sabem o que a Malu fez? Ela tinha lido no livro de receitas que o leitão de Natal deve ser servido com um leque de papel nas orelhas e uma maçã inteira na boca. Mas a coitada da Malu não entendeu que quem tinha de estar com a maçã na boca era o leitão. Vocês tinham de ver a Malu entrando na sala de jantar, na noite de Natal, vestindo seu avental mais bonito e com uma enorme maçã na boca. “Que é isso, Malu?!

Ficou louca?”, perguntou vovó. E Malu não conseguia dizer uma só palavra para se defender, só conseguia abanar as orelhas e sacudir o leque de papel. Até que ela tentou dizer alguma coisa, mas só saía “blá-blá-blá”. Além disso, não tinha como morder as pernas das pessoas do jeito que estava acostumada a fazer, e isso logo naquela noite, com tantos convidados em casa! Coitadinha da Malu, o Natal dela não foi muito feliz – concluiu Píppi, tristemente.

As senhoras tinham acabado de vestir os agasalhos e se despediram outra vez da sra. Settergren. Píppi correu para a dona da casa e murmurou:

– Desculpe por eu não ter conseguido me comportar! Até logo!

Em seguida pôs seu enorme chapéu na cabeça e foi atrás das senhoras. Quando o grupo chegou do lado de fora do portão, seus caminhos se separaram. Píppi foi para a Vila Vilekula e as senhoras tomaram a direção oposta.

Elas já haviam se afastado um pouco quando ouviram uma respiração ofegante logo atrás. Era Píppi, que chegava correndo.

– Como vocês podem imaginar, vovó ficou muito triste quando perdeu a Malu. Imaginem que certa manhã de terça-feira, depois de conseguir quebrar apenas uma dúzia de xícaras, mais ou menos, Malu fugiu e foi-se embora mar afora. Naquele dia, vovó teve de acabar de quebrar a louça sozinha. Coitada da vovó, não estava acostumada a fazer aquilo, ficou com as mãos cheias de bolhas. E nunca mais viu a Malu. Uma pena, porque Malu era uma empregada de primeira, vovó sempre dizia.

Com isso Píppi se afastou, e as senhoras apressaram o passo. Mas elas não tinham se afastado mais do que uns duzentos metros

quando ouviram a voz de Píppi, ao longe, gritando com toda a força de seus pulmões:

— A Malu nunca passou a vassoura debaixo das camas!

10

PÍPPI

**DÁ UMA DE
SALVA-VIDAS**



CERTA TARDE DE DOMINGO, Píppi estava sentada tentando inventar uma coisa para fazer. Tom e Aninha tinham ido a um chá com o pai e a mãe, por isso ela sabia que eles não iam aparecer na casa dela.

O dia tinha sido uma sucessão de tarefas agradáveis. Ela se levantara cedo, depois servira suco e bolinhos na cama para o sr. Nilson. Ele ficava uma gracinha, sentado na cama de camisola azul-clara segurando o copo com as duas mãos. Depois alimentara e escovara o cavalo e em seguida lhe contara uma longa aventura de seus tempos no mar. Em seguida, na sala, fizera uma enorme pintura no papel de parede. A pintura representava uma mulher gorda de vestido vermelho e chapéu preto. Numa das mãos ela segurava uma flor amarela; na outra, um rato morto. A pintura ficara sensacional, na opinião de Píppi. Contribuíra muito para melhorar o aspecto do aposento inteiro. Depois se instalara na frente da cômoda e passara em revista toda a sua coleção de ovos de passarinho e conchas, e ficara recordando todos os lugares maravilhosos onde os recolhera com o pai, e todas as simpáticas lojinhas do mundo inteiro onde eles haviam comprado as coisas bonitas que agora estavam nas gavetas de sua cômoda. Depois tentara ensinar o sr. Nilson a dançar xote, mas ele se recusara a

aprender. Píppi até tivera a ideia de tentar ensinar a dança ao cavalo, mas em vez de fazer isso acabou entrando na caixa de lenha e fechando a tampa. Em seguida fez de conta que era uma sardinha dentro de uma lata e foi uma pena Tom e Aninha não estarem lá, porque, se estivessem, também teriam podido ser sardinhas.



Nisso começou a escurecer. Píppi pressionou seu narizinho-batata de encontro à vidraça e olhou para aquele entardecer de outono. Lembrou-se de que fazia uns dois dias que não dava um

passeio a cavalo, e resolveu dar um naquele mesmo instante. Seria um final muito agradável para um domingo delicioso.

Depois de tomar essa decisão, Píppi pôs o chapelão na cabeça, chamou o sr. Nilson, que estava sentado num canto brincando com bolinhas de gude, prendeu a sela no cavalo e carregou-o da varanda para o jardim. E lá se foram eles: o sr. Nilson em cima de Píppi, Píppi em cima do cavalo.

Fazia muito frio e as ruas estavam cobertas por uma camada fina de gelo, de modo que os passos do cavalo, ao triturar o gelo, faziam um barulho crocante muito bonito. O sr. Nilson, sentado no ombro de Píppi, tentava agarrar os galhos das árvores na frente das quais eles passavam, mas Píppi cavalgava tão depressa que ele nunca conseguia. Em vez disso, os galhos roçavam suas orelhas, e ele teve a maior dificuldade para manter o chapéu de palha na cabeça.

Píppi atravessou a cidadezinha. As pessoas, desesperadas, se encostavam nas paredes das casas ao vê-la aproximar-se naquela correria louca.

A cidadezinha tinha uma praça central, lógico. Em torno da praça havia diversas edificações antigas, térreas, encantadoras, e um pequeno prédio pintado de amarelo onde funcionava a prefeitura. Também havia um prédio grande, horroroso. Era um edifício de três andares recém-construído que as pessoas chamavam de “arranha-céu” por ser mais alto do que todas as casas da cidade.

Nas tardes de domingo a cidadezinha costumava ser um lugar muito tranquilo e silencioso. Mas de repente o silêncio foi rompido por uma grande gritaria:

— O arranha-céu está pegando fogo! Fogo! Fogo!

As pessoas chegavam correndo de todas as direções, de olhos arregalados. Um carro de bombeiros desceu a rua de sirene ligada e as criancinhas da cidade, que sempre tinham achado muito divertido olhar carros de bombeiro, agora choravam de medo, achando que suas casas também iam pegar fogo. A praça na frente do arranha-céu estava cheia de gente, que a polícia tentava afastar para que o carro de bombeiros pudesse se aproximar. Grandes chamas saíam pelas janelas do arranha-céu, e os bombeiros que tentavam, valentemente, apagar o fogo estavam cercados de fumaça e faíscas.

O fogo tivera início no andar térreo, mas estava se espalhando rapidamente para os andares superiores. De repente as pessoas que estavam na praça tiveram uma visão que as fez estremecer de horror. Bem no alto do edifício havia uma água-furtada, e na janela da água-furtada, recém-aberta por uma mãozinha de criança, dois meninos gritavam, pedindo socorro.

— A gente não está conseguindo sair! Alguém fez uma fogueira na escada! — gritava o mais velho.

Ele tinha cinco anos; seu irmãozinho, um ano a menos. A mãe deles tinha precisado sair e agora lá estavam os dois, sem ninguém para tomar conta deles. Muitas das pessoas que estavam na praça começaram a chorar, e o chefe dos bombeiros ficou com uma expressão preocupada. É verdade que o carro de bombeiros possuía uma escada, só que ela não era suficientemente longa para chegar até aquela janela. Entrar na casa para buscar as crianças seria impossível. Uma enorme angústia tomou conta das pessoas que estavam na praça quando entenderam que não havia nada a

fazer para salvar as crianças. E os dois pequenos lá em cima, pobrezinhos, só choravam. Faltava pouco para o fogo atingir a água-furtada.

Píppi, montada em seu cavalo, estava entre as pessoas da praça. Primeiro ela examinou o carro de bombeiros com muito interesse, pensando se era o caso de comprar um igual. Tinha gostado dele porque era vermelho e porque fazia todo aquele barulho quando andava pela rua. Depois olhou para o incêndio e achou divertido quando algumas faíscas caíram em cima dela.

Em seguida avistou os garotinhos na janela do sótão. Para seu espanto, percebeu que eles pelo jeito não estavam gostando nem um pouco do incêndio. Essa era uma coisa que Píppi não conseguia entender, por isso acabou tendo de perguntar às pessoas próximas:

— Por que aquelas crianças estão chorando?

No início, a única resposta que obteve foram soluços, mas no fim um senhor corpulento disse:

— Você acha que também não ia chorar se estivesse lá em cima sem conseguir descer?

— Eu nunca choro — disse Píppi. — Mas se aqueles dois não estão conseguindo descer, por que ninguém ajuda eles?

— Porque é impossível, claro! — disse o senhor.

Píppi pensou um pouco. Depois perguntou:

— Será que alguém pode me arranjar uma corda bem comprida?

— De que adiantaria? — perguntou o senhor corpulento. — Aquelas crianças são muito pequenas para conseguir descer por uma corda. E, além do mais, como é que você ia conseguir levar uma corda até lá?

— Ora, já rodei o mundo! — disse Píppi calmamente. — Quero uma corda.

Ninguém acreditava que a corda fosse servir para alguma coisa, mas de alguma maneira Píppi acabou conseguindo a corda que queria.

Perto do arranha-céu havia uma árvore alta. O alto da árvore chegava quase até a altura da janela do sótão, mas a distância era de três metros. Além disso, o tronco da árvore era liso e sem galhos para escalar. Nem mesmo Píppi conseguiria subir naquela árvore.

O fogo crepitava, as crianças da janela gritavam e todas as pessoas da praça choravam.

Píppi desceu do cavalo e avançou até a árvore, depois pegou a corda e amarrou-a bem amarrada na cauda do sr. Nilson.

— Agora você vai ser o garoto querido da Píppi — disse. A menina posicionou o sr. Nilson no tronco da árvore e deu um empurrãozinho nele. O sr. Nilson entendeu muito bem o que ela queria e começou a subir pelo tronco. Para um macaquinho, a tarefa não apresentava a menor dificuldade.

Todas as pessoas que estavam na praça prenderam a respiração e ficaram olhando para o sr. Nilson. Em pouco tempo ele chegou ao topo da árvore. Lá, sentou-se num galho e olhou para Píppi. Com um gesto, a menina mostrou que agora era para ele descer da árvore. Foi o que o macaco fez, só que pelo outro lado do galho. Com isso, quando o sr. Nilson chegou ao chão novamente, a corda tinha ficado pendurada no galho, e suas duas pontas balançavam perto do chão.

— Ah, sr. Nilson! Você é tão inteligente que até podia ser professor! — disse Píppi, desamarrando a corda da cauda do sr. Nilson.



Não longe dali, uma casa estava sendo reformada. Píppi foi até lá e pegou uma tábua comprida. Com a tábua em uma das mãos, correu até a árvore, se agarrou na corda com a mão vazia e firmou os pés no tronco da árvore. Rapidamente, com agilidade, foi subindo pelo tronco, e as pessoas pararam de chorar, de tão impressionadas que ficaram. Quando chegou ao topo da árvore, Píppi apoiou uma das pontas da tábua num galho grosso e depois

foi empurrando com todo o cuidado até ela atingir a janela do sótão. A tábua virou uma espécie de ponte entre a árvore e a janela.

Lá embaixo, na praça, o silêncio era total. Ninguém conseguia dizer nada, de pura ansiedade. Píppi subiu na tábua e sorriu amistosamente para os dois garotos na janela do sótão.

— Por que essa tristeza? — perguntou. — Vocês estão com dor de barriga?

A garota correu pela tábua e pulou para o parapeito da janela.

— Nossa, como está quente aqui! — disse. — Hoje não vai mais ser preciso fazer fogo na casa de vocês, isso eu garanto.

Depois, com um menino embaixo de cada braço, Píppi voltou andando pela tábua.

— Agora sim vocês vão se divertir! — disse ela. — Isto aqui é quase como andar na corda bamba.

Ao chegar ao meio da tábua, Píppi levantou uma das pernas para o alto, exatamente como fizera no circo. As pessoas, embaixo, se assustaram, e quando, um pouco depois, Píppi perdeu um dos sapatos, diversas senhoras idosas desmaiaram. Mas acabou dando tudo certo. Píppi chegou sem dificuldade à árvore levando os garotos, e todas as pessoas que estavam lá embaixo na praça bateram palmas e gritaram vivas e a noite escura se encheu de ruídos e o som abafou o barulho do fogo.

Píppi puxou a corda e amarrou uma das pontas muito bem amarrada num galho. Depois amarrou um dos meninos na outra ponta e devagarinho, com todo o cuidado, fez com que ele fosse baixando até chegar aos braços da mãe, que esperava lá embaixo, na praça, que ficou felicíssima ao ver o filho são e salvo e apertou a

criança contra o peito com os olhos cheios de lágrimas. Píppi, lá em cima, gritou:

— Desamarre a corda de uma vez! Tem outro garoto aqui em cima que também não sabe voar.

As pessoas ajudaram a desfazer o nó e soltar o garoto. Nó era uma coisa que Píppi sabia fazer muito bem, uma coisa que aprendera em seus tempos no navio. Depois, ela puxou novamente a corda e chegou a hora de o outro menino ser descido.

Píppi ficou sozinha no alto da árvore. Quando ela pulou para cima da tábua, todas as pessoas que olhavam para ela lá de baixo tentaram adivinhar o que ela estava pretendendo fazer. Píppi começou a dançar de um lado para o outro sobre a tábua estreita. Erguia e baixava os braços com muita graça e cantava com uma voz rouca que mal se ouvia lá embaixo, na praça:

O fogo está ardendo,
ardendo tão claro,
ardendo em mil chamas.
Ardendo para você,
ardendo para mim,
ardendo para quem
quiser dançar.

Píppi cantava e sua dança ia ficando cada vez mais animada, e muitas das pessoas que estavam na praça taparam os olhos apavoradas, crentes que ela ia cair e morrer. Enormes chamas saíam pela janela do sótão, e o clarão do fogo iluminava Píppi. Ela

erguia os braços para o céu escuro e, no momento em que foi envolvida por uma chuva de faíscas, gritou bem alto:

— Que incêndio legal, legal, legal!

Depois, de um salto, pendurou-se na corda.

— Cuidado aí embaixo! — gritou, escorregando pela corda com a velocidade de um raio.

— Um viva para a Píppi Meialonga! Longa vida para ela! — gritou o chefe dos bombeiros.

— Viva! Viva! Viva! Viva! — gritaram todas as pessoas. Gritaram quatro vezes. Mas houve uma pessoa que gritou cinco vezes. Píppi.

11

PÍPPI

**FAZ
ANIVERSÁRIO**



UM DIA, TOM E ANINHA ENCONTRARAM

uma carta na caixa de cartas.

“para tm e ania”, estava escrito no envelope. Quando abriram o envelope, encontraram um papel onde estava escrito:

TM E ANIA ESTAO COMVIDADOS PRA O ANIVERSSARO DA PÍPPI AMANHAM
DITARDE. TRAJI: U QUI QUISEREM.

Tom e Aninha ficaram tão felizes que começaram a pular e a dançar. Tinham entendido muito bem o que estava escrito, apesar do jeito estranho de escrever da Píppi.

A menina tivera um trabalho louco para escrever o convite. Mesmo não tendo reconhecido a letra “i” no dia em que fora à escola, o fato era que sabia escrever um pouco. Nos tempos em que navegava mar afora, um dos marinheiros do navio de seu pai costumava sentar-se com ela no convés de vez em quando para tentar ensinar-lhe a escrever. O azar foi que Píppi era uma aluna muito impaciente. De repente, ela interrompia a aula, dizendo:



— Não, Fridolfo (era assim que se chamava aquele marinheiro: Fridolfo), agora chega de aprender coisas. Não posso mais estudar porque preciso escalar o mastro para ver como vai estar o tempo amanhã.

Ou seja, nada mais natural que ela não tivesse aprendido a escrever muito bem. Agora passara a noite inteira lutando com aquele convite, e ao amanhecer, quando as estrelas começavam a se apagar no céu que cobria Vila Vilekula, fora pé ante pé até a casa de Tom e Aninha para enfiar a carta na caixa de correio dos dois amiguinhos.

Assim que chegaram da escola, Tom e Aninha foram se arrumar para a festa. Aninha disse à mãe que queria cachear o cabelo. A mãe atendeu ao pedido da filha e depois amarrou um grande laço de fita cor-de-rosa em seu cabelo. Tom molhou bem a cabeça antes de se pentear, para o cabelo ficar bem lisinho. Ele, em todo caso, não queria saber de cachos.

Aninha queria ir com seu vestido mais bonito, mas a mãe não concordou, pois Aninha não costumava voltar muito limpa e arrumada da casa de Píppi. Aninha não teve outro jeito: vestiu seu segundo melhor vestido. Tom não estava muito preocupado com o que ia vestir. Para ele, se ficasse confortável, estava bom.

Claro que os dois irmãos haviam comprado um presente para Píppi. Antes de ir para a escola, tiraram o dinheiro que haviam economizado e guardado no porquinho-cofre, e na volta passaram por uma loja de brinquedos na rua Principal e compraram um lindo... bom, por enquanto o presente vai continuar sendo um segredo.

E agora lá estava o presente, embrulhado em papel verde e amarrado com muito barbante, e quando Tom e Aninha ficaram prontos, Tom pegou o pacote e lá se foram eles, acompanhados pelas recomendações da mãe, que lhes dizia para tomar muito cuidado com a roupa. Aninha também quis carregar o pacote durante uma parte do caminho. A combinação era que na hora de entregar o presente os dois segurassem o pacote juntos.

Novembro já estava chegando; anoiteceu cedo. Quando passaram pelo portão da Vila Vilekula, Tom e Aninha se deram as mãos com força, pois o jardim de Píppi estava muito escuro e o vento assobiava entre as velhas árvores, que perdiam suas últimas folhas.

— É o outono chegando... — disse Tom.

Ficava muito mais gostoso olhar para as janelas iluminadas da Vila Vilekula, ainda mais sabendo que estavam indo para uma festa de aniversário.

Normalmente, Tom e Aninha entravam pela porta da cozinha. Naquele dia, porém, aproximaram-se da porta da frente.

Não viram o cavalo na varanda. Tom bateu na porta com força. Lá de dentro, ouviu-se uma voz grave:

Quem vem, nessa escuridão,

bater na minha porta?

Será um fantasma? Ou então

alguma ratinha torta?

— Não, Píppi, somos nós! — gritou Aninha. — Abra!

Píppi abriu a porta.

— Ah, Píppi, por que você foi falar em fantasma? Fico morrendo de medo! — reclamou Aninha, esquecendo-se completamente de dar os parabéns a Píppi.

Píppi riu muito e abriu a porta da cozinha. Que delícia entrar naquele lugar quente e iluminado! A festa de aniversário seria na cozinha, porque a cozinha era o lugar mais gostoso da casa. Só havia dois outros aposentos no andar térreo: a sala de visitas com um único móvel e o quarto de dormir de Píppi. Mas a cozinha era grande e espaçosa, e Píppi arrumara tudo com muito capricho. No chão espalhara tapetes, e na mesa uma toalha nova, feita pela própria Píppi. As flores que bordara eram de fato impressionantes, mas Píppi garantiu que na Índia Remota as flores eram exatamente assim, e com isso o problema ficou resolvido. As cortinas estavam fechadas e o fogo estalava na lareira. O sr. Nilson, sentado na caixa de lenha, batia duas tampas de panela uma contra a outra, e um pouco mais adiante, num canto, estava o cavalo. Claro que ele também fora convidado para a festa.

Só então Tom e Aninha se lembraram de dar os parabéns a Píppi. Tom fez uma saudação solene e Aninha, uma reverência, depois os dois estenderam o pacote verde, dizendo: “Com nossos melhores votos de feliz aniversário!”. Píppi agradeceu e na mesma hora abriu o pacote. E sabem o que encontrou? Uma caixinha de música! Píppi ficou simplesmente louca de alegria. Abraçou Tom, abraçou Aninha, abraçou a caixa de música, abraçou o papel de embrulho. Depois deu corda na caixinha de música e, com muito plim e com muito plom, ouviu-se uma melodia muito parecida com “Ah, meu querido Augustin”.

Píppi dava corda, dava corda, e parecia ter esquecido tudo o mais. Só que de repente ela se lembrou de uma coisa.



— Minha nossa, vocês ainda não receberam os presentes de vocês!

— Mas hoje não é nosso aniversário! — disseram Tom e Aninha.

Píppi não entendeu.

— Certo, mas é meu aniversário, não é mesmo? Então eu também posso dar presentes de aniversário, não posso? Ou será que está escrito em algum lugar, nos livros escolares de vocês, que é proibido fazer isso? Será que é por causa daquela nossa velha tamburada que eu não posso fazer isso?

— Não, claro que você pode — disse Tom. — Só que não é costume. Mas eu, na parte que me toca, vou achar muito bom ganhar um presente.

— Eu também — disse Aninha.

Píppi correu até a sala de visitas e buscou dois pacotes de cima da cômoda. Quando Tom abriu seu pacote, viu uma espécie de flautinha de marfim; no pacote de Aninha havia um lindo broche em forma de borboleta. As asas da borboleta eram feitas com pedras vermelhas, azuis e verdes.

Agora que todo mundo tinha ganhado um presente de aniversário, estava na hora de ir para a mesa. Sobre a mesa havia uma enorme quantidade de bolos e doces. Os bolos tinham uma aparência muito esquisita, mas Píppi garantiu que na China os bolos eram sempre assim.

Píppi serviu chocolate quente com chantili. As crianças já iam sentar-se para comer, quando Tom falou:

— Quando papai e mamãe têm convidados, cada cavalheiro recebe um cartãozinho dizendo qual das damas ele irá acompanhar

até a mesa. Acho que a gente também devia fazer isso.

— Está bem — disse Píppi.

— Só que vai ser um pouco difícil, já que o único cavaleiro aqui sou eu... — concluiu Tom, atrapalhado.

— De jeito nenhum! — disse Píppi. — Por acaso você está achando que o sr. Nilson é uma dama?

— Não, não, claro que não! Eu tinha esquecido o sr. Nilson! — exclamou Tom. Em seguida, sentou-se na caixa de lenha e escreveu num cartão:

O SR. SETTERGREN TERÁ O PRAZER DE ACOMPANHAR A SRTA. MEIALONGA.

— “Sr. Settergren” sou eu — explicou satisfeito, e mostrou o cartão a Píppi. Depois escreveu em outro cartão:

O SR. NILSON TERÁ O PRAZER DE ACOMPANHAR A SRTA. SETTERGREN.

— É, mas o cavalo também precisa receber um cartão! — disse Píppi, decidida. — Mesmo que não se sente à mesa conosco.

Píppi ditou e Tom escreveu o terceiro cartão:

O CAVALO TERÁ O PRAZER DE NÃO SAIR DO CANTO, ONDE LHE SERVIRÃO BOLOS E
AÇÚCAR.

Píppi segurou o cartão debaixo do focinho do cavalo e ordenou:

— Leia e veja o que acha disto.

Como o cavalo não tinha nenhuma objeção a fazer, Tom segurou o braço de Píppi e se aproximou da mesa. O sr. Nilson não deu sinal de fazer a mesma coisa com Aninha, de modo que Aninha, decidida, agarrou o macaquinho e carregou-o até a mesa. Só que ele não queria sentar-se em nenhuma cadeira. Queria instalar-se diretamente sobre a mesa. Além disso, não queria chocolate com

chantili, mas quando Píppi derramou água na xícara dele, agarrou a xícara com as duas mãos e bebeu.

Aninha, Tom e Píppi comeram e comeram, e Aninha disse que, se na China os bolos eram como aqueles, então pretendia se mudar para a China quando crescesse.

Depois que o sr. Nilson esvaziou a xícara, virou-a de cabeça para baixo e enfiou-a na cabeça. Quando Píppi viu aquilo, fez a mesma coisa, só que como ainda havia um restinho de chocolate na xícara, ele escorreu um pouco por sua testa e por cima de seu nariz. Mas Píppi espichou a língua e lambeu.

— Aqui nada se perde! — disse.

Tom e Aninha lamberam bem suas xícaras antes de enfiá-las na cabeça.

Depois que todo mundo ficou satisfeito, inclusive o cavalo, Píppi segurou a toalha da mesa pelos quatro cantos e levantou-a, de modo que as xícaras e os pratos se chocaram uns contra os outros como se estivessem dentro de um saco. Depois enfiou tudo dentro da caixa de lenha.

— Gosto de arrumar um pouco as coisas assim que acabo de comer! — explicou.

Estava na hora de brincar. Píppi sugeriu que eles brincassem de “Não pode encostar no chão”. Era uma brincadeira muito simples. A única coisa que a pessoa precisava fazer era andar pela cozinha inteira sem nunca pôr os pés no chão. Píppi deu a volta na cozinha num instante. Mesmo para Tom e Aninha, era muito fácil. Saindo da pia, era preciso estender bem as pernas para chegar ao fogão; do fogão, passava-se para a caixa de lenha e dali para a prateleira dos

chapéus, depois para a mesa; da mesa, passava-se por cima de duas cadeiras e chegava-se à cristaleira do canto. Entre a cristaleira do canto e a pia, a distância era de vários metros, mas por sorte ali estava o cavalo: era só subir no cavalo pelo lado da cauda, deslizar até o lado da cabeça e dar uma meia-volta rápida pouco antes de pular, e a pessoa ia parar diretamente em cima da pia.

As três crianças brincaram de “Não pode encostar no chão” durante uma hora. O vestido de Aninha já não era seu segundo melhor vestido, mas seu quinto ou sexto ou sétimo melhor vestido, e Tom estava tão empoeirado que parecia um limpador de chaminés. Aí eles acharam que já estava na hora de brincar de outra coisa.

— Que tal a gente subir até o sótão e fazer uma visita aos fantasmas? — sugeriu Píppi.

Aninha tremeu.

— Te-te-tem fan-fantasma no seu sótão? — perguntou.

— Se tem? Montes de fantasmas! — disse Píppi. — Lá em cima está cheio de fantasmas e assombrações de todos os tipos. A gente passa o tempo inteiro tropeçando neles. E então? Vamos?

— Oh! — disse Aninha, e olhou para Píppi com jeito de quem não está gostando.

— Mamãe disse que fantasma e assombração não existem — disse Tom, muito sério.

— E é verdade! — disse Píppi. — Porque todos os fantasmas e assombrações que há no mundo estão no sótão da minha casa. E não adianta tentar obrigar a turma a se mudar. Mas eles não são perigosos. Só o que fazem é beliscar o braço das pessoas, deixando

marquinhos roxas, e uivar. Ah, eles também jogam boliche com as próprias cabeças.



— É... é verda-dade que eles jogam boliche com as cabeças deles?
— murmurou Aninha.

— É exatamente isso o que eles fazem — disse Píppi. — Vamos até lá em cima falar com eles. Sou boa no boliche.

Tom não queria demonstrar que estava com medo, e de um certo modo estava curioso para encontrar um fantasma. Seria uma bela história para contar aos garotos na escola. Além do mais, consolava-se com a ideia de que os fantasmas provavelmente não teriam coragem de atacar Píppi. Tom resolveu ir junto. A pobre Aninha não queria ir de jeito nenhum, mas começou a imaginar

que talvez um fantasma bem pequenininho conseguisse descer enquanto ela esperava os outros, sentada sozinha na cozinha, e essa ideia resolveu a questão. Preferia estar ao lado de Píppi e Tom no meio de milhares de fantasmas a estar solitária na cozinha com o menorzinho dos fantasmas-criança!

Píppi foi na frente e abriu a porta que dava para a escada do sótão. A escuridão era total. Tom segurou a mão de Píppi com força e Aninha segurou a mão de Tom com mais força ainda, e assim os três subiram a escada. A cada passo que davam, as tábuas da escada rangiam e estalavam. Tom começou a pensar se não teria sido melhor desistir da aventura, e Aninha nem precisava pensar. Tinha certeza absoluta.

E assim, finalmente, os três chegaram ao alto da escada e pisaram no sótão. Lá também estava muito escuro. A única luz era um pequeno raio de lua refletido no assoalho. Quando o vento soprava por entre as frestas das tábuas da parede, ouviam-se gemidos e barulhos misteriosos por todos os lados.

— Ei! Fantasmas! — gritou Píppi.

Mas se ali havia algum fantasma, ele não respondeu.

— Eu devia ter imaginado — disse Píppi. — O pessoal foi a um encontro da Associação dos Fantasmas e Aparições.

Aninha suspirou, aliviada, torcendo para que o encontro fosse muito, muito demorado. Mas exatamente naquele instante ouviu-se um barulho horrível vindo de um dos cantos do sótão.

— Uuuu-Uuuu! — fazia o barulho, e no instante seguinte Tom viu uma coisa se aproximar dele a toda velocidade, na penumbra.

Sentiu a coisa roçar sua testa, depois viu um vulto negro desaparecer por uma janelinha aberta. Tom soltou um berro:

— Um fantasma! Um fantasma!

Aninha gritava com ele.

— O coitado chegou atrasado ao encontro — explicou Píppi. — Isso se aquilo fosse um fantasma, e não uma coruja. Aliás, não existe fantasma — continuou um pouco depois. — Vou torcer o nariz da pessoa que disser que existe fantasma.

— É, mas foi você quem falou que existe! — disse Aninha.

— É mesmo? Eu falei isso? — respondeu Píppi. — Nesse caso vou torcer meu nariz.

Píppi segurou com força seu próprio nariz e torceu.

Tom e Aninha ficaram um pouco mais calmos. Na verdade, agora estavam tão corajosos que se aventuraram a ir até a janela e olhar para o jardim. Grandes nuvens negras passavam pelo céu e faziam o possível para esconder a lua, e o vento suspirava nas árvores.

Tom e Aninha se viraram. Só que nesse exato instante — ah, que pavor! — viram um vulto branco aproximar-se deles.

— Um fantasma! — urrou Tom, apavorado.

Aninha ficou com tanto medo que nem conseguiu gritar. O fantasma foi chegando cada vez mais perto, e Tom e Aninha se abraçaram e fecharam os olhos. Nisso ouviram o fantasma dizer:

— Vejam o que encontrei! A camisola do papai. Estava dentro de um velho baú de marinheiro, aqui em cima. Se eu subir a bainha, posso usar!

Píppi se aproximou deles com a camisola se enrolando em suas pernas.

— Oh, Píppi, eu podia ter morrido de susto! — disse Aninha.

— Mas camisola não é uma coisa perigosa — tranquilizou-a Píppi.

— Camisola só morde em legítima defesa!

Píppi resolveu examinar melhor aquele baú de marinheiro. Levantou-o, carregou-o para perto da janela e abriu a tampa, de modo que os raios de lua iluminaram o que havia lá dentro. Viu muita roupa velha, que foi jogando no chão. Mais embaixo encontrou um telescópio, alguns livros velhos, três pistolas, uma espada e uma bolsa com moedas de ouro.

— Tidelpom e pidelidei! — disse Píppi, satisfeita.

— Que maravilha! — disse Tom.

Píppi embrulhou tudo na camisola e os três voltaram para a cozinha. Aninha precisava muito sair daquele sótão.

— Jamais deixe as crianças manusearem armas de fogo — disse Píppi, e com cada mão pegou uma pistola. — Do contrário, é fácil acontecer um acidente — continuou, apertando os dois gatilhos ao mesmo tempo. — Belo tiro! — anunciou, olhando para o teto. As balas haviam feito dois furos. — Quem sabe as balas atravessaram o teto e atingiram algum fantasma nas pernas? — disse, esperançosa. — Assim eles aprendem a pensar duas vezes antes de sair daqui para assustar alguma criancinha inocente. Porque, mesmo não havendo fantasmas, eles não têm nada que andar por aí apavorando as pessoas. É o que eu acho. Aliás, vocês gostariam de ganhar uma pistola cada um? — perguntou aos amigos.

Tom ficou encantado e Aninha também gostou da ideia de ter uma pistola. Desde que não estivesse carregada.

— Agora podemos organizar um bando de ladrões, se quisermos!
— disse Píppi, e aproximou o telescópio dos olhos. — Com isto aqui consigo quase ver as pulgas da América do Sul, acho — continuou.
— Isto também vai ser muito útil, se resolvermos organizar um bando de ladrões.

Exatamente naquele instante alguém bateu na porta. Era o pai de Tom e Aninha vindo buscar os filhos. A hora de ir para a cama já passara havia muito tempo, explicou. Num instante, Tom e Aninha agradeceram, disseram boa-noite e pegaram suas coisas e mais a flauta, o broche e as pistolas.

Píppi acompanhou os convidados até a varanda e ficou vendo como eles desapareciam no jardim. Tom e Aninha se viraram e deram adeus para Píppi. A luz do interior da casa iluminava a menina. Lá estava ela, com suas tranças vermelhas erguidas para os lados, vestindo a camisola do pai toda enrolada nas pernas. Numa das mãos segurava a pistola; na outra, a espada. Fez uma saudação com elas.

Quando Tom, Aninha e o pai chegaram ao portão, escutaram Píppi gritar alguma coisa e pararam para ouvir. O vento assobiava nas árvores, por isso foi difícil entender o que ela dizia. Mesmo assim, eles entenderam.

— Quando eu crescer, vou ser pirata — gritava ela. — E vocês?

SOBRE A AUTORA

ASTRID LINDGREN nasceu em 1907, numa fazenda no sul da Suécia, e morreu em 2002, em Estocolmo. Criou a primeira história com a personagem Pippi em 1944, como um presente de aniversário para a sua filha, que completava dez anos. Escreveu mais de oitenta livros, traduzidos em mais de setenta línguas. Em 1958, recebeu o prêmio Hans Christian Andersen, o mais importante da literatura infantil mundial. Dela, a Companhia das Letrinhas já publicou Pippi Meialonga, Pippi a bordo, Pippi nos mares do sul, Você conhece a Pippi Meialonga?, Os irmãos Coração de Leão, Emil e a grande fuga e Karlsson no telhado.

SOBRE A ILUSTRADORA

INGRID NYMAN nasceu em 1916 na cidade de Vejen, na Dinamarca. Depois de abandonar os estudos em belas artes, Ingrid se mudou para Estocolmo, onde passou a se dedicar à ilustração de livros infantis. Seu trabalho é marcado pela combinação de cores vivas com traços delicados. Foi a primeira a ilustrar as histórias de Pippi e outros livros de Astrid Lindgren.

Copyright do texto © Astrid Lindgren 1945/ The Astrid Lindgren Company
Copyright das ilustrações © Ingrid Vang Nyman

Publicado originalmente em 1945 pela Rabén & Sjögren, Suécia.

Para mais informações sobre Astrid Lindgren: www.astridlindgren.com

Todos os direitos estrangeiros representados por The Astrid Lindgren Company, Lidingö, Suécia, representada no Brasil pela Vikings of Brazil Agência Literária e de Tradução, Ltda.

Para mais informações, escrever para info@saltkrakan.se

A tradução desta obra foi apoiada pelo Swedish Arts Council.

Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, que entrou em vigor no Brasil em 2009.

Título original

PIPPI LÅNGSTRUMP

Revisão

ARLETE SOUSA e VIVIANE T. MENDES

Composição

YUMI SANESHIGUE

Tratamento de imagem

AMÉRICO FREIRIA

ISBN 978-85-5451-217-0

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA SCHWARCZ S.A.

Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32

04532-002 — São Paulo — SP — Brasil

(11) 3707-3500

www.companhiadasletrinhas.com.br

www.blogdaletrinhas.com.br

[/companhiadasletrinhas](http://companhiadasletrinhas)

companhiadasletrinhas